

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL**

Ives Alejandro Penaloza Munoz

**UMA PROPOSTA COLABORATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO
DAS VIRTUDES MORAIS NAS ESCOLAS:
REFLEXÕES COM OS ORIENTADORES EDUCACIONAIS
DE SÃO CAETANO DO SUL**

**São Caetano Do Sul
2019**

IVES ALEJANDRO PENALOZA MUNOZ

**UMA PROPOSTA COLABORATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO
DAS VIRTUDES MORAIS NAS ESCOLAS:
REFLEXÕES COM OS ORIENTADORES EDUCACIONAIS
DE SÃO CAETANO DO SUL**

**Trabalho Final de Curso apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação – Mestrado Profissional – da
Universidade Municipal de São Caetano
do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em
Educação.**

**Área de concentração: Formação de
Professores e Gestores**

Orientadora: Profa. Dra. Sanny Silva da Rosa

**São Caetano Do Sul
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

Munoz, Ives Alejandro Penaloza

Uma proposta colaborativa para o desenvolvimento das Virtudes Morais nas escolas: Reflexões com os Orientadores Educacionais de São Caetano do Sul / Ives Alejandro Penaloza Munoz. — USCS, 2019. — 119 fls.: il.

Orientador: Sanny Silva da Rosa

Trabalho Final de Curso (Mestrado Profissional em Educação) — Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Caetano do Sul, 2019.

1. Formação de Gestores. 2. Educação Ética. 3. Ensino Fundamental. 4. Políticas Educacionais. I. Rosa, Sanny Silva da Rosa. II. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019. III. Título.

**Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi**

**Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa
Prof^a. Dra. Maria do Carmo Romeiro**

**Gestão do Programa de Pós-graduação em Educação
Prof. Dr. Nonato Assis de Miranda
Prof^a. Dra. Ana Sílvia Moço Aparício**

Trabalho Final de Curso defendido em 13/12/2019 pela Banca Examinadora constituída pelos professore(as):

Prof. Dra. Sanny Silva da Rosa (USCS)

Prof. Dr. Paulo Sérgio Garcia (USCS)

Prof. Dr. Marcos Antonio Lorieri (UNINOVE)

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família:
meu pai, minha mãe, meus irmãos, meu filho.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Sanny Silva da Rosa, pela inteligência, confiança, paciência e honradez, e pela oportunidade de trabalhar sob sua orientação em que foi sempre tão gentil e incentivadora na superação de meus limites.

À Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro, pela paciência, dedicação e carinho durante o curso do mestrado profissional, e Profs. Dr. Nonato Assis de Miranda e Dra. Ana Sílvia Moço Aparício, pela gentileza, alegria e dedicação profissional.

Ao Prof. Dr. Paulo Sergio Garcia pela simpatia, inteligência e confiança.

Ao Prof. Pio Mielo, Vereador da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, sua amizade, sempre incentivando meu caminho.

À Profa. Ma. Maria Isabel Padovan, Profa. Ma. Renata Hioni e Prof. Me. Lúcio Leite de Melo, Prof. Me. Cristiano Rodrigues Batista, pela amizade e gentileza da ajuda, gratidão.

À Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul e CECAPE, pelo acolhimento do trabalho e apoio concedido, fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais e familiares, pelo carinho, incentivo e dedicação que me ofereceram a vida toda e, por mais uma vez, terem acreditado nessa trajetória do mestrado.

“Quando os teus talentos encontram
as necessidades do mundo,
ali está a tua vocação.”
Aristóteles

RESUMO

Aspiramos a uma sociedade onde indivíduos vivam com dignidade, que estimule e permita a prosperidade de todos, num ambiente de confiança e respeito, que proporcione segurança, com relações interpessoais solidárias e responsáveis, nas quais os direitos sejam respeitados. O ambiente escolar também possui uma parcela de responsabilidade para a construção de uma melhor sociedade, visto que ele também é responsável pela transmissão de comportamentos às crianças que lá convivem. A partir desse fato, vê-se claramente a importância e o compromisso do corpo pedagógico da escola como exemplo na formação ética do aluno. Desta forma a presente pesquisa em tem como objetivo promover o desenvolvimento das virtudes morais nas escolas de Ensino Fundamental I, a partir dos Orientadores Educacionais das escolas municipais de São Caetano do Sul, com base numa série de recursos práticos que levam as crianças ao desenvolvimento moral. A sociedade contemporânea espera que as escolas sejam promotoras de um ensino moral, com um compromisso na formação humana da criança e do jovem, indispensável para a vida cidadã. Deste modo, promover a Educação Ética ultrapassa conhecer comportamentos pró-sociais e executá-las, pelo fato de ela dirigida para o desenvolvimento do caráter do indivíduo. Reafirmamos a urgência proposta pelo psicólogo Lawrence Kohlberg que declarou que a educação formal também é o local onde se deve ensinar o cuidado com o outro, a justiça, a democracia, a formação moral e ética do indivíduo, porém não somente como um horizonte futuro, mas também como um ser que vive e interage no presente. As virtudes morais necessitam ser ensinadas ao sujeito desde sua vida infantil, sendo estas exercitadas no hábito, aprimoradas, como forma de uma dimensão humana importante para a vida em sociedade, na pretensão de construir uma sociedade mais democrática, justa, contrapondo-se ao desmantelamento suscitado pelo egoísmo vigente na atual contemporaneidade.

Palavras-chave: Formação de Gestores. Educação Ética. Ensino Fundamental. Políticas Educacionais.

ABSTRACT

We aspire to a society where individuals live with dignity, that stimulates and allows the prosperity of all in an environment of trust and respect that provides security where rights are respected with interpersonal relations of solidarity and responsibility. The school environment also has a share of responsibility for building a better society since it is also responsible for transmitting behaviours to the children who interact in that space. From this fact it is clear the importance and commitment of the pedagogical body of the school as an example in the ethical formation of the student. In this way the present research aims to promote the development of moral virtues in Elementary Schools 1 from the Educational Advisors of the municipal schools of São Caetano do Sul based on a series of practical resources that lead children to moral development. Contemporary society expects schools to be promoters of moral education with a commitment to human formation of the child and the young indispensable for the life of the citizen. In this way to promote ethical education goes beyond knowing about social behaviours and executing them. It is directed towards the development of the character of the individual. We reaffirm the urgency proposed by the psychologist Lawrence Kohlberg who declared that formal education is also the place where one should teach care for others. Justice, democracy, moral and ethical formation of the individual, not only as something for the future but also as a being who lives and interacts in the present. Moral virtues need to be taught to the subject from his childhood life as habit forming exercises and improved as a form of an important human dimension for life in society, in the construction of a more democratic, just society in opposition to the dismantling by the selfishness that prevails in the present day.

Key words: Training of managers. Ethical education. Elementary School. Educational policies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Demandas ético/morais nas escolas.....	47
Figura 2	As Virtudes Morais escolhidas segundo os participantes.....	51
Figura 3	Demandas ético-morais nas escolas – Empatia.....	52
Figura 4	Demandas ético-morais nas escolas – Justiça.....	54
Figura 5	Demandas ético-morais nas escolas – Diálogo.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Lista de Virtudes Morais.....	31
Quadro 2	Prática das Regras.....	34
Quadro 3	Consciência das Regras.....	34
Quadro 4	Características demográficas das cidades do grande ABC.....	40
Quadro 5	Cronograma das Sessões Reflexivas.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Sexo dos participantes.....	44
Gráfico 2	Faixa etária dos participantes.....	44
Gráfico 3	Formação inicial dos participantes.....	44
Gráfico 4	Formação complementar dos participantes.....	45

LISTA DE RECORTES

Recorte 1	Escrita sobre os encontros da pesquisa.....	61
Recorte 2	Resposta sobre a reflexão.....	62
Recorte 3	Resposta sobre a reflexão.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EE – Educação Ética

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

HTPC – Horário de trabalho Pedagógico Coletivo

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

OE – Orientadores Educacionais

ONU – Organização das Nações Unidas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

USCS – Universidade Municipal de São Caetano do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	29
1.1 Apresentação	29
1.2 Iniciativas em Educação Ética	32
1.3 Problema e justificativa	34
1.4 Objetivos	34
1.4.1 Objetivo geral	35
1.4.2 Objetivos específicos	35
2 ÉTICA, MORAL E VIRTUDES	36
2.1 Concepções sobre Ética e Moral	36
2.2 Ética evolutiva	43
2.3 Neurociência e moralidade	45
2.4 Ética das Virtudes Morais	47
3 DESENVOLVIMENTO MORAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO	51
3.1 O Desenvolvimento Moral	51
3.2 Educação Ética	53
3.3 PCN e BNCC	57
4 PESQUISA DE CAMPO	60
4.1 Caracterização do local da pesquisa	60
4.2 Os Procedimentos Metodológicos	62
4.3 Caracterização dos participantes da pesquisa - Orientadores Educacionais	64
4.4 Os encontros da Pesquisa Colaborativa	66
4.5 As Sessões Reflexivas	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
6 PROPOSTA DE FORMAÇÃO COM BASE NAS SESSÕES REFLEXIVAS	88
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE 1	100
APÊNDICE 2	101
APÊNDICE 3	102
APÊNDICE 4	104
APÊNDICE 5	105
APÊNDICE 6	106
APÊNDICE 7	109
APÊNDICE 8	110
APÊNDICE 9	112
APÊNDICE 10	114
ANEXO 1	117

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Na história da humanidade, sempre fomos curiosos por conhecer o mundo ao nosso redor. Nossos antepassados já procuravam modos de expressar o fascínio pelos mistérios da natureza, pelos “porquês” da criação das coisas, da evolução e do destino de tudo. Os pensamentos de nossos ancestrais, juntamente com suas explicações e com a formulação dos mitos, buscavam racionalizar explicações para o mundo. Não há recantos do planeta Terra onde não existam mitos que revelam o desejo de explicar nossas origens. Somos apenas “poeira das estrelas”, átomos em combinação, gerando moléculas habitando este marginal e comum planeta, nesta vulgar galáxia, como tantas outras, espalhadas num universo? Haverá outros mundos, com outras formas de vida perguntando-se sobre a existência também? Haverá outras realidades, com suas próprias leis de matéria e energia com respostas melhores que as nossas?

Gregos observavam o céu com precisão - assim como os babilônicos, os egípcios e tantos outros povos - e desenhavam suas visões cosmológicas. Na Idade Média, sob influência dos pensamentos de Platão e Aristóteles, o Universo passou a ser pensado como partes e refletia um todo imutável, incorruptível que se encaixava perfeitamente com a proposta de um Universo criado por um Deus, repleto de harmonia. O ser humano quer responder às questões mais fundamentais, como um grande esforço das pessoas para saberem de si e da realidade, buscando compreender o significado profundo dessa realidade e da própria existência humana (LORIERI, 2007). Além disso, também são buscadas formas de comportamento e convivência. Aos poucos, sem deixar de olhar para o céu, passamos a olhar para dentro de nós, em busca de nossa humanidade. Uma dimensão humana que já foi observada por diferentes lentes na história do pensamento, do homem que possui o logos, segundo Aristóteles, do animal-homem da zoologia, do indivíduo pensante de corpo e mente de René Descartes, ou do ser neuronal da atual contemporaneidade.

O ser humano convive com outros indivíduos, e por essa razão requer saber sobre os princípios de convivência. Desde muito cedo, a partir da vida infantil, somos ensinados por meio de preceitos sociais (morais) que nos orientam como coexistir no

meio de outros. Essas disposições de regras de comportamentos fazem parte da “moral”, estabelecida aqui neste trabalho, como grupo de normas, juízos e valores. Entender de forma analítica se esses comportamentos estão de acordo ou não com o que se espera de um determinado indivíduo, numa comunidade ou sociedade é o que denominamos ética.

Queremos uma sociedade onde seja possível viver com dignidade, que estimule e permita a prosperidade do indivíduo, num ambiente de confiança e respeito, que proporcione segurança, uma sociedade onde direitos sejam respeitados, com relações interpessoais solidárias, responsáveis, de democracia, e aberta a críticas para a própria melhoria. Precisamos de uma educação ético-moral que contemple também um ensino para a formação ética dos jovens e que oriente condutas para uma vida justa e íntegra. Neste sentido, a família tem uma atribuição inicial importante já que é nela que surgem os passos iniciais do aprender a colaborar, compartilhar, respeitar, etc. À medida que os valores são transmitidos dentro do núcleo familiar, aprendemos a nos conduzir no interior de grupos sociais maiores e também começamos a formar nossos próprios parâmetros de comportamentos. Essa prática de se comportar pode ser aprimorada posteriormente nas instituições escolares, com amigos e colegas, vizinhos, no trabalho, através das leituras e atualmente também das mídias digitais. Portanto, é na vida familiar e nas instituições escolares que os fundamentos dos comportamentos sociais e pró-sociais são inicialmente oferecidos, procurados, entendidos, aceitos e rejeitados.

Muito se discute sobre a Ética em nossa sociedade, de modo que é possível perceber uma série de discursos sobre postura ética, honestidade, corrupção, embora não se tenha muito claro o que ela realmente significa esse conceito. A Ética deve estar presente nas instituições escolares, promovendo conversas e debates sobre temas atuais, de modo a promover a importância dessa área do conhecimento e da filosofia, que é a sua morada original. Na filosofia grega antiga, a Ética representava a harmonia entre a vida privada e pública do indivíduo, levando em conta as práticas, regras, normas e leis estabelecidas. E foi naquele período da história que o filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) entendeu também a Ética como a morada dos princípios para uma boa vida, uma expressão do bem-estar, do bem-viver, uma busca pela felicidade, exercitada principalmente por meio das virtudes (CHAUÍ, 2010).

E qual é a importância da ética no atual momento que vivemos? O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em sua obra *Ética Pós-Moderna* (2006), nos alerta para uma “modernidade líquida”, expressão elaborada, que sinaliza as constantes mudanças dos valores dos indivíduos, resultado de uma rapidez com que ideias e ações se alojam e saem das pessoas, levando a uma fluidez social. Se uma sociedade torna-se marcada por essa fluidez, onde nada é duradouro e tudo é rápido ou fugaz, os critérios morais tendem a se desfazer também, os preceitos se tornam relativos e moveáveis, como resultado uma possível perda de sensibilidade nas relações sociais. MacIntyre (2001), interpreta que vivemos um desapontamento, um sentimento de decepção, em relação à ética, muito em consequência do atual momento e do modelo ético atual que vivemos. Em suas análises, MacIntyre traça uma argumentação histórica, em que o antigo modelo ético medieval religioso, de muitos séculos atrás, que sugeria como as pessoas deveriam viver e conviver, acabou sendo superado por outro modelo, o iluminista, que criava uma tentativa de promover uma ética mais racional, baseada no agir próprio, sem o controle de uma autoridade externa e com mais liberdade, resultando numa moral mais pessoal. Para MacIntyre, esse individualismo moral acaba sendo percebido pela sociedade como uma forma de desordem moral, com discordâncias intermináveis sobre comportamentos ou juízos, impelindo ao relativismo, um estado moral de emotivismo, que percebe todos os comportamentos morais como simples escolhas pessoais arbitrarias. É justamente essa a falha. Escolhas pessoais não podem ser vistas como adequadas quando se trata de questões da vida pública, porque são de foro íntimo, portanto não estando sujeitas a todos os indivíduos (MACINTYRE, 2001).

Se a preocupação com a ética é importante, ela se dá não só pela maneira como ajustamos os comportamentos sociais que queremos e aqueles que não queremos, como também pelas mudanças históricas inevitáveis pelas quais o ser humano passa provocando transformações. Autores importantes como Jean Piaget, Lawrence Kohlberg e em especial Lev Vygotsky, deram ênfase ao aspecto psicológico da moralidade, à relevância dos aspectos das inter-relações pessoais, históricas e socioculturais. Se pensarmos numa proposta para o desenvolvimento moral dentro das escolas, ela deve firmar o caráter social (PUIG, 2007), ensinando à criança os princípios básicos obrigatórios para se viver em sociedade.

1.2 Iniciativas em Educação Ética

O ensino de ética, a partir das virtudes e valores, pode ser de grande valor para a nossa sociedade quando entendemos o cenário ético atual, e no qual educadores incentivam esse tipo de iniciativa. A filosofia, disciplina que abarca a ética, já está nas escolas, seja como disciplina ou sob outros tipos de abordagens, possibilitando colocar as crianças diante de questões filosóficas, com respostas variadas e sob análise investigativa (LORIERI, 2002). Uma das mais importantes iniciativas em ensino de valores feitas no Brasil foi realizada em meados de 2009, pelo Grupo de Trabalho “Psicologia da Moralidade” da Associação Nacional de Pós-graduação em Psicologia, que reuniu uma série de projetos em educação moral e educação em valores a partir de 2000, com o intuito de mapear, conhecer e divulgar o que estava sendo elaborado nessa área nas escolas públicas. A ideia era também potencializar outras ações semelhantes em mais escolas. Questionários de pesquisa foram distribuídos para os gestores e corpo docente dessas instituições, em seguida analisados, com uma posterior visita a algumas dessas instituições. A pesquisa deixava livres as declarações sobre o que entendiam do tema “educação em valores”, como este tema deveria ser abordado. Nela era pedido que detalhassem também os pormenores das iniciativas, levando em consideração os conteúdos, quem era o público, quanto tempo duravam os projetos e de que maneira aquilo impactava na comunidade (MENIN; BATAGLIA; ZECHI, 2013).

O grupo relatou as impressões que teve sobre os trabalhos realizados em educação moral e educação em valores, constatando que a grande maioria dos participantes da pesquisa e dos membros das escolas era plenamente a favor do ensino de valores no ambiente escolar. As conclusões provêm de alguns pontos em comum: o entendimento de uma atual crise de valores; da perda de valores por ausência familiar; violência como destruição da moralidade e da necessidade de formação de um “novo brasileiro”, mais cidadão e comprometido com o bem estar social (SERRANO, 2002). Contudo, algumas questões surgiram: 1) quais conteúdos de educação moral e educação em valores deveriam ter prioridade; 2) os temas deveriam ser apresentados através de aulas expositivas ou debates; 3) quais professores deveriam liderar os projetos. Essas foram algumas das imprecisões dos projetos que apareceram na pesquisa. Os educadores relataram um forte envolvimento dos estudantes nos temas escolhidos, com discussões profundas e

falas pertinentes. A seguir, em ordem alfabética, alguns nomes e temas que foram relatados na pesquisa, em ordem alfabética:

“Alunos fazem pesquisa, documentários e relatam descobertas sobre temas como: a primeira cidade a libertar os escravos, vida e morte, índios, religiosidade” (Ceará, Fortaleza);

“Assembleias de classe e da escola” (Rio Claro, São Paulo);

“Bullying ninguém merece” (Rondônia, Porto velho);

“Cidadania em ação com formação de liderança para alunos e formação política e em direitos humanos” (Mato Grosso, Nova Xavantes);

“Consciência negra” (SP, Rancharia);

“Discussão do projeto Político Pedagógico da escola com formação de subprojetos sobre valores” (Mato Grosso, Alta Floresta);

“Estudos sobre Estatuto da criança e do adolescente e da Constituição federal” (Ceará, Fortaleza);

“Educação Sexual na escola com discussão de valores” (Paraná, Londrina);

“Projeto AfroBrasil, discriminações, e projeto Valorizando a vida, sobre drogas” (Mato Grosso, Barra do Bugre).

Com o auxílio de filmes, livros, reportagens de jornais e também de muitos casos envolvendo pessoas de fora da escola para se pronunciar sobre o tema, as dinâmicas e os debates revelaram preocupações legítimas, expondo valores morais que estavam com frequência nas discussões, como respeito, diálogo, liberdade, honestidade, justiça, solidariedade e direitos humanos. É válido supor que esses valores são exigências da própria comunidade onde a escola está inserida. Segundo esse estudo, os encontros afetaram positivamente a atmosfera escolar, aumentando os comportamentos pró-sociais por parte dos estudantes, promovendo discussões menos agressivas, mais argumentativas e melhorando o coleguismo. Educação moral e educação em valores podem não estar sempre nas escolas, porque é inegável sua valia, e quando aplicada, os resultados conquistados são importantes para a formação ética dos alunos. O estudo do Grupo de Trabalho “Psicologia da Moralidade” indica que menos de 5% de todas as iniciativas pesquisadas são bem sucedidas, contudo são ações que revelam uma necessidade real do mundo contemporâneo e que constata a possibilidade de uma educação ética nas escolas brasileiras.

1.3 Problema e justificativa

Hostilidades e conflitos de opiniões sempre fizeram parte do convívio social, mas modernamente há também considerações sobre o que deve ser tolerado, respeitado e não admitido. Estando em uma sociedade onde predomina a hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2007), “Homem Light”, indivíduo “aéreo e de baixo conteúdo calórico”, emerge na superficialidade e da diminuição dos vínculos sociais e afetivos (ROJAS, 1996). A escola não está imune a essas transformações do mundo. Assim o tema da educação ética torna-se relevante nas discussões pedagógicas, seja diante de temas ligados à ecologia, por exemplo, ou dos comportamentos em sala de aula. Possivelmente estamos vivenciando uma crise de valores ou um momento de valores em crise (DE LA TALLE, 2009). Nesse sentido uma parte da educação moral das crianças foi transferida para a escola. Não obstante, a escola é, em muitos casos, a exclusiva possibilidade de ensino dos princípios morais que se espera dos jovens para viver em sociedade. Dessa forma, a educação ética é essencial, e está no centro deste trabalho para o desenvolvimento do caráter do aluno dentro do espaço escolar.

1.4 Objetivos

Este trabalho pretende se desenvolver a partir de pesquisas em psicologia moral, ética e educação, com objetivo de ajudar no desenvolvimento moral da criança. Nessas áreas iremos encontrar subsídios para a construção do trabalho, no entendimento do que é ética e moral, o que são as virtudes morais, os processos neuropsicológicos envolvidos no comportamento moral e como desenvolver as virtudes no ambiente escolar. Em relação aos comportamentos sociais das crianças, entendemos e nos inclinamos na perspectiva de que é na infância o período dessa formação básica, e o amadurecimento a partir das relações contínuas que ela faz e fará para o restante da vida (COLL, 2004). As salas de aula, com os professores, são um excelente ambiente para a educação ética porque as crianças estão abertas a costumes, atentas aos professores, repetindo atitudes, interiorizando valores, ampliando o caráter delas.

Um recorte da educação ética será feito neste trabalho, mesmo entendendo que ela deve ir muito além da sala de aula e da própria escola, estaremos voltados apenas para as escolas. Nesse contexto, este trabalho levanta um problema central: como desenvolver uma educação ética na infância por meio das virtudes morais no contexto da escola contemporânea?

1.4.1 **Objetivo geral**

A partir do problema apresentado e suas justificativas aqui explicitadas, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir com a equipe gestora das escolas, elaborando uma proposta pedagógica de desenvolvimento das Virtudes Morais na rede municipal de ensino de São Caetano do Sul.

1.4.2 **Objetivos específicos**

Esse objetivo geral desdobra-se nos objetivos específicos a serem atingidos:

- Identificar as demandas morais no ambiente escolar com a colaboração dos Orientadores Educacionais da rede municipal de ensino de São Caetano do Sul;

- Promover reflexões sobre as Virtudes Morais com os Orientadores Educacionais e criar atividades voltadas para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental;

- Formular uma proposta de formação em Educação Ética nas escolas de Ensino Fundamental de São Caetano do Sul, por intermédio das Virtudes Morais.

Entendemos a magnitude desta pesquisa, tanto para os profissionais de educação que entram em contato diário com problemas morais nas escolas, como para a própria construção da personalidade moral da criança, que enriquecida pelas Virtudes Morais, pode ajudá-la a ter comportamentos mais coerentes, de modo que possa tomar decisões com mais consciência e autonomia.

2 ÉTICA, MORAL E VIRTUDES

2.1 Concepções sobre Ética e Moral

Diariamente as pessoas estão em contato com dilemas morais. Mentir para não causar mais transtornos? Delatar a uma amiga que o marido a está traindo? Cumprir ordens mesmo que elas estejam em desacordo com os meus valores? Questões como essas não se referem somente ao juízo individual, mas ao coletivo também. Condutas que escolhemos geram consequências e podem afetar acontecimentos futuros. Isso revela a importância dos comportamentos e da atenção que devemos dar a eles, considerando os resultados que podem surgir.

O indivíduo que se porta moralmente pensa sobre suas atitudes e nas consequências delas. Não são ações espontâneas. Desse modo condutas e decisões morais andam lado a lado (VASQUEZ, 2017). Dilemas morais estão por toda parte, e não podemos nos esquivar deles. Os protocolos das relações sociais de uma sociedade tornam-se normas sociais, que servem como bússola comportamental. Pessoas podem respeitar essas normas, ou não. E é importante salientar que as normas sociais estabelecidas por um determinado grupo ou sociedade estão sujeitas a transformações e renovações. Épocas e locais diferentes possuem normas sociais diferentes, uma vez que elas variam no tempo e espaço. Somos capazes de criar normas para viver em sociedade, resolvendo problemas de convívio, mas somos também preparados para refletir sobre essas normas, a isso chamamos de uma moral reflexiva ou ética (CHAUÍ, 2010). A ética é, então, o campo de reflexão sobre como são os comportamentos e porque eles se tornam adequados às regras sociais, mas não contribuirá totalmente para resolver impasses particulares, pelo seu aspecto generalista. Podemos ponderar sobre o “bom”, e não fazer afirmações sobre o que cada pessoa deve considerar o que é “bom” (VASQUEZ, 2017).

O conhecimento sobre a Ética estava na Grécia antiga, por meio dos grandes filósofos da antiguidade e se tornou um saber “prático”, servindo como reflexão sobre as ações concretas do cotidiano e da comunidade. Aristóteles (384-322 a.C) fazia uma diferenciação sobre os tipos existentes de conhecimento: os teóricos, os poéticos e os práticos. Os teóricos (theorein) são os contemplativos, que serviriam

para saber do que são feitas as coisas e suas causas, ou seja, servem para descrever o mundo natural, como a física, a astronomia, a biologia, etc. Os poéticos e os práticos se relacionam com o que poder ser de “outra maneira”. Poéticos (poiein) são para a produção de algo, aquele conhecimento que serve para guiar a fabricação, não necessariamente um objeto mas uma música, por exemplo. Apesar de guiarem o processo do “fazer algo”, os poéticos buscavam apenas os resultados de algo a ser elaborado. Diferentemente do saber prático (pragma), que tem o significado de atividade, de orientar sobre como devemos guiar a nossa vida de forma plena, justa e boa.

Dessa maneira, a ética enquadra-se na visão aristotélica como uma praxis, um saber prático, uma filosofia prática. Outros saberes também estavam no conhecimento prático, como por exemplo, a política, que busca a orientação de como governar bem, ou a economia, sobre como gerenciar bem uma casa ou sociedade (CHAUÍ, 2010). Para a ética aristotélica, o objetivo final da existência é ter uma vida boa, tanto individual como coletiva, um pouco diferente da visão contemporânea que temos da ética, que enfatiza muito mais valores como convivência, liberdade e justiça.

Diferentes modos de entender o termo “moral” estão presentes em nossa sociedade. No sentido mais comum, pode ser um conjunto de normas e valores de um determinado grupo de pessoas, numa determinada época. Também pode se referir a uma característica pessoal de alguém, às convicções próprias que modelam o caráter e como o modo como uma pessoa age durante a vida. O termo moral ainda pode estar ligado a tipos de doutrinas ou teorias éticas (utilitarista, kantiana, aristotélica, etc). Outra possibilidade, levando para o campo da educação, seria a perspectiva das atitudes práticas dentro da escola, como importante componente na formação do caráter da criança.

Essas várias formas de se conceber a moral e a moralidade provavelmente não abrangem a totalidade de definições, mas certo é que elas expressam de maneira geral os alicerces comuns das decisões da vida individual e coletiva (CORTINA; MARTINEZ, 2013). Não é raro vermos o conceito de “moral” com o sentido semelhante de “ética”. O significado é quase idêntico quando olhamos a origem das palavras, “ethos” e “mores”, respectivamente - lugar em que vivemos, jeito de ser e caráter, para ética - e costume ou modo de ser para moral. Como

explicado acima, a ética é a disciplina da filosofia que se preocupa com a reflexão dos problemas morais.

O psicólogo Yves de La Taille diferencia a moral da ética por meio de duas questões: no caso da moral, “como devo agir?” e no caso da ética, “que vida eu quero viver?”. No senso comum, ambos os termos possuem a mesma definição, que seria um agrupado de elementos e normas cuja obediência é imposta, cuja violação é repreendida ou punida. Contudo, como já dito, ética e moral não são necessariamente sinônimos, já que a moral é entendida como a constituição das virtudes, valores e regras que determinam a conduta de uma pessoa ou comunidade. Por sua vez, a concepção de ética recai sobre o juízo desses valores e regras, revelando que a moral está na dimensão do dever e a ética do estudo filosófico da moral (COMTE-SPONVILLE, 2005).

A Ética então está ligada a questões subjetivas da vida (ABBAGNANO, 2012), disso decorre sua tripla função: elucidar a moral, analisar as razões de uma vida moral e empregar de forma crítica as conclusões das outras funções, no contexto social. As teorias éticas não respondem a todas as adversidades de comportamentos ou de como devemos elaborar um sociedade mais justa, mas ajuda a fundamentar quais os motivos, o porquê de algumas condutas serem mais adequadas que outras. Para a Filosofia, a unanimidade talvez não seja possível pela própria diversidade de pensamentos que convivem socialmente.

Quando examinamos os primeiros filósofos gregos, uns se perguntavam sobre a realidade primeira, outros sobre o que é o bem maior, sobre a natureza humana, de como ser um indivíduo virtuoso, e como desenvolver essa virtuosidade. Ser uma pessoa virtuosa é mais do que ser melhor que outra, é a possibilidade de servir à comunidade com o que ela tem de melhor. Pouco se sabe sobre as reflexões morais de Sócrates (469-399 a.C.), mas os especialistas afirmam que ele aconselhava o uso de critérios racionais para entender as verdadeiras virtudes dos possíveis enganos que poderiam ser cometidos. Qual é a verdadeira excelência humana para Sócrates? A busca deveria passar pela reflexão e pelo diálogo, de onde a excelência já derivaria da própria atitude de procurar pelo bem, porque a partir do conhecimento do bem, seria possível colocá-lo em prática (REALE, 2003). A preguiça, segundo Sócrates, de aceitar dogmaticamente as condutas sem a devida análise, pode sabotar esse esforço, por isso uma atitude cética e crítica deve estar sempre presente.

Sócrates compreende a verdadeira busca pela excelência humana como um esforço constante através do diálogo e da introspecção, uma “*maiêutica*”, uma forma de ajudar a “*parir*”, de dar a luz ao conhecimento, num processo em direção à verdade (CHAUÍ, 2010). Todos os homens podem estar nesse empreendimento de encontrar respostas, mesmo que provisoriamente e de forma não dogmática, em benefício da comunidade. Por meio do agir bem, de forma sábia, rumo à vida boa. Este ponto é importante: um dos papéis da educação também é a construção moral do cidadão? A herança dessa visão, também é explícita em Platão (427-347 a.C.), que insiste no fato de que os princípios morais, devem estar a serviço em tempo integral da *polis*, e que norteiam o ser humano na direção da felicidade, em comunidade, onde habita a real felicidade, visão descrita em sua obra “*A República*”. Nota-se que Platão entende o bem como uma realidade em si mesma, um atributo supremo e razão última de tudo o que existe e de todo conhecimento. O cidadão, em especial aquele que governa o Estado, deve ter uma capacidade moral acima da dos outros, isso não só o qualificaria para tal cargo, como também o tornaria uma referência para todos (VÁSQUEZ, 2017).

Aristóteles (384-322 a.C.), em sua obra “*Ética a Nicômaco*”, exhibe a tese central sobre o objetivo final das ações humanas. Comunidade e ética estão ligadas, uma vez que cada indivíduo (micro) ajuda a compor a comunidade (macro). Assim a dimensão das virtudes de uma comunidade se faz pela medida dos seus membros. Aristóteles afirma que o fim maior da vida de um indivíduo é a felicidade, e que esta é direcionada pela virtude (*aretê*) como um movimento do ser (CHAUÍ, 2010).

Para os gregos antigos *aretê* significa o grau de excelência que um ser possui. As virtudes são aprendidas, e sua aprendizagem exige tempo até que elas se tornem hábitos, pois não estão em nós. Para se agir de forma virtuosa, de modo que se evitem os extremos das ações, faz-se necessário o uso da razão, o mediador, na justa medida em que prevalece entre os extremos como norma moral. Se procurarmos a felicidade, devemos desenvolver as virtudes, já que ela é entendida como o meio termo, a justa medida, entre os excessos e as deficiências, a qual nos guiará para uma sabedoria guiada pela razão. Afirma Aristóteles que indivíduos bons não “*sentem*” as virtudes, porque estas não são somente saberes, entretanto são refinadas por uma vontade do exercício delas. Agimos de forma correta não porque conhecemos as virtudes, contudo porque agindo de forma correta nos tornamos virtuosos. É na prática que agimos moralmente. Para

Aristóteles, o aprimoramento das virtudes morais acontece pela repetição das ações virtuosas, na força do hábito.

O cidadão é responsável pelos seus atos e por suas consequências, mostrando que as decisões virtuosas são e devem sempre ser voluntárias, determinando quem somos e para onde queremos ir. Importante ressaltar que na visão aristotélica, o indivíduo que age de maneira má, age por ignorância. Temos mais atitudes virtuosas quanto mais fazemos delas um costume. Praticamos a justiça, tornamo-nos cada vez mais justos, praticamos a coragem, tornamo-nos corajosos, e assim sucessivamente.

Salientamos que a ética das virtudes é um conhecimento prático, uma ética prática, na qual o bem se coloca na vida das pessoas, estando no convívio social, e deve ser exercitado como dimensão humana a todo instante (CORTINA; MARTINEZ, 2013). As contribuições deste trabalho partem da ética de Sócrates, Platão e Aristóteles, quando a filosofia se perguntava sobre a “verdadeira realidade”, levantando dúvidas das possíveis aparências, que culminam em perguntas sobre as verdadeiras virtudes do homem, as concepções do bem, e da capacidade de desenvolvê-las, um entendimento do “ser melhor”, no intuito do bem viver em comunidade.

Em especial Aristóteles, acreditava que todo homem nasce com uma inclinação para adquirir as virtudes e que elas devem ser ensinadas e desenvolvidas pela prática, seguindo a sabedoria ou modelos virtuosos (ROSS, 1987). Contemporâneos de Sócrates, os sofistas da época também formularam visões éticas. Enxergando a si mesmos como habilidosos nos assuntos públicos e nas virtudes políticas, eles defendiam de maneira geral posições relativistas e individualistas sobre a moralidade, negando a possibilidade de certezas morais ou de verdades virtuosas.

O período helenista traz contribuições importantes para o pensamento ético, no qual duas importantes escolas filosóficas se destacam - o estoicismo e o epicurismo – que reduzem a questão da moralidade ao tema da boa vida (felicidade), afirmando que a felicidade se relaciona com os prazeres (*hedon*). Em tempos políticos conturbados e na gradual perda de interesse e confiança do indivíduo pela vida pública e assuntos da *polis*, a moral volta-se para a vida de acordo com a natureza. Os epicuristas afirmam que a felicidade está no prazer, na satisfação dos sentidos, porém observando que alguns prazeres são passageiros e

outros mais estáveis. Daí a procura sábia pelo segundo tipo, se afastando dos prazeres impulsivos. Epicuro de Samos (341-270 a.C.) afirma que o homem se move em direção ao prazer. Nesse sendo, para ele, sábio é aquele que avalia a duração e a intensidade desses prazeres, e também as consequências dessa busca (ABBAGNANO, 2012).

Zenão de Cítio (333-263 a.C.) fundador da corrente filosófica dos estoicos, que teve figuras importantes como Sêneca, Epiteto e Marcos Aurélio, acreditava na necessidade de se observar o cosmos, e viver de acordo com ordem do universo, para entender e determinar que tipos de comportamentos o homem deveria ter. A concepção de mundo então deveria se basear na lógica e na investigação racional, e como consequência na conformidade e consciência da situação trágica do homem condicionada pelo seu próprio destino final. Nessa visão fatalista de mundo estoicista, o homem sábio é aquele que entende seu bem viver exterior e alcança a felicidade no momento em que renuncia às paixões, aos problemas e aborrecimentos, que procura uma ausência de perturbação (ataraxia), atingindo uma insensibilidade diante dos infortúnios da vida (BLACKBURN, 1997).

Posteriormente, com a difusão do Cristianismo na Europa no final do Império Romano e início da Idade Média, elementos da cultura judaica e dos escritos cristãos foram incorporados juntamente com visões gregas ao modo de pensar da ética medieval. Nessa mescla da moralidade europeia, os primeiros intelectuais cristãos reuniram crenças religiosas e fundamentos filosóficos organizados, especialmente Santo Agostinho e São Tomas de Aquino (CHAUÍ, 2010). Agostinho entende o homem como criatura de Deus, corrompido aqui na Terra, cuja redenção somente virá da Graça Divina, a partir dos dons da memória, da inteligência e da vontade. Esta última é entendida como expressão da liberdade, importante já que tanto a aproximação como o distanciamento do homem de Deus se dará com o livre-arbítrio. Se a fonte de todo bem é Deus, com base no livre-arbítrio o homem pode deixar de praticar o bem quando se submete às paixões do corpo e da matéria. Isso explicaria a presença do mal no mundo como ausência ou escassez do bem. Assim como em Aristóteles, as ações virtuosas devem se ensinadas para o bem de todos, todavia derivam do Cristianismo, exibindo um Deus amoroso e justo, e que somente através dele é possível a verdadeira felicidade. Se o Deus cristão é o bem maior, será na leitura da Bíblia que o indivíduo irá encontrar as doutrinas e as práxis que irão conduzi-lo para a excelência moral, longe do pecado.

Na sua famosa obra *Suma Teológica*, São Tomás de Aquino reflete sobre as questões éticas dentro dos moldes cristãos. Dois pilares éticos, a solidariedade, ponto importante do Cristianismo, e a justiça, de origem grega, estarão presentes nas relações dos indivíduos, dando a dupla dimensão à ética tomista. Igualmente a Santo Agostinho, Aquino defende que o fim maior da ética está em Deus (CHAUÍ, 2010), mas entendendo que a felicidade plena não pode ser encontrada aqui nesta vida terrena. Deus é a lei universal natural e eterna, do verdadeiro conhecimento e dos princípios morais. Afastar o mal e fazer o bem sempre é o imperativo moral original, que pode ser alcançado pelas nossas próprias disposições, já que somos feitos da matéria divina. Essa lei natural do bem, é compreendida como uma intuição em nossa consciência, que se torna hábito e que se manifesta em todas as criaturas (CORTINA; MARTINEZ, 2013).

Tal consciência ética irá ecoar nos séculos XVI e XVII, mas com as visões científicas que rompem com a ética religiosa medieval. Sem buscar a essência em si, o filósofo escocês David Hume (1711-1776), que também criticou o exagero do racionalismo dogmático, observa que a moral se posiciona na esfera dos sentimentos subjetivos, de modo que a razão pode apenas conhecer a possibilidade de julgamento moral. Segundo Hume, equivocamo-nos quando acreditamos que somos somente guiados pela razão em momentos de tranquilidade moral, enquanto que em dilemas somos exclusivamente emocionais (CORTINA; MARTINEZ, 2013). A maneira como vemos a moralidade dependerá muito mais da utilidade, levando em conta os danos causados do que da origem dos preceitos morais.

Na mesma tendência da ética estão os estudos de Immanuel Kant (1724-1804) que desenvolve um grande estudo sobre ética em suas obras. Ele entende a moralidade como uma exigência única e coletiva, racional, não intuitiva, e defende o exercício da moral como um imperativo categórico, incondicional, mesmo que uma determinada decisão pareça se afastar do prazer. Ao acatar os imperativos, o indivíduo mostra respeito para com o outro, para consigo próprio, não como escolhas impostas de forma externa, no entanto reconhecidos pela consciência. Esse fato gera uma liberdade que é autônoma, a maior qualidade possível do ser humano. Com essa liberdade que é a afirmação da razão, como bem moral, muito acima da felicidade. Kant propunha uma excelência no ensino da ética, com forte conteúdo e disciplina, que incluía também o ensino das virtudes, um dos aspectos importantes de sua filosofia (KANT, 1977). No modo de ver a moralidade,

recomenda o ensino dos deveres para si próprio (afastando-se dos vícios) e dos deveres para com os outros (beneficência, gratidão, solidariedade, amizade, cortesia, etc).

2.2 Ética evolutiva

Somos seres biológicos de adaptação, e essas adaptações começam com alterações genéticas nas nossas células, as denominadas mutações. Em muitas situações, essas transformações podem dar ao possuidor dessas mutações algumas vantagens reprodutivas e que podem se difundir com o tempo dentro do grupo do qual ele participa. Contudo não somente o corpo se adapta, mas também a mente, cada vez que auxilia a resolver problemas que persistem numa determinada comunidade. O comportamento moral de nossos ancestrais deu a eles benefícios, mesmo que talvez no início pouco relevantes, aumentando progressivamente com o tempo. Alguns animais não humanos possuem comportamentos sociais bastante sofisticados, e que se parece em muito com comportamentos morais de humanos. O Primatologista da Emory University, Frans de Waal, promove pesquisas em comportamento animal, em especial de primatas como bonobos, chimpanzés e gorilas, que revelam práticas de reciprocidade e expressões de proto-moralidade, como empatia, ajuda, consolo, cooperação, senso de justiça, entre outros. Esses estudos apontam para a hipótese de que os comportamentos morais fizeram e fazem parte de outros comportamentos selecionados pela evolução, e que foram muito importantes para a conservação de determinadas espécies na Terra (JAMES, 2015). Investigações ainda mais atuais, podem num futuro próximo explicar à luz da seleção natural, como essas ações morais surgiram, e porque também estão na espécie humana.

A psicologia evolutiva sabe que as atitudes morais com familiares, produzem um forte vínculo emocional entre os membros em favor do benefício deles. Esse ajustamento nos “genes” proporciona a explicação de porque nossos ancestrais cuidavam e protegiam seus parentes, que em certo sentido estavam cuidando deles próprios, preservando cópias de seus genes para o futuro. Comportamentos como auto-sacrifício e de ajuda podem estar envolvidos na cooperação para além parentes, quando a fronteira que separa os “parentes” dos “não parentes” se tornou difusa, muito provavelmente devido à proximidade do círculo de convívio (RUSE,

2017). Pessoas que apesar de não compartilhar dos nossos genes, mas que vivem próximas a nós, podem ser vistas com indivíduos que mereçam nossa proteção, cuidado e bem-estar. A cooperação nesses casos é uma grandeza moral de alta reputação, que promove harmonia e conformidade dentro do grupo.

Um dos pontos importantes na evolução dos comportamentos morais são as proibições. Tornaram-se necessárias as normas para controlar a maneira como agimos com os outros. Isso enfatiza que apenas estar “disposto à cooperação” não é o bastante, é preciso algo que mantenha o grupo conectado. Toda essa reflexão sugere que o pensamento moral conseguiu um posicionamento significativo nos nossos antepassados, espalhando-se pela população favorecendo a adesão do grupo e criando um sistema de vigilância nos comportamentos. Qualquer indivíduo que se mostre pouco ou nada cooperativo, pode perder privilégios dentro do grupo, o que não seria bom tanto para a sobrevivência como para a procriação (WRIGHT, 1996). Contudo, a diversidade de condutas morais é muito grande. Será que esse modelo evolutivo é suficiente para explicar todos os comportamentos morais? Se a resposta for sim, a cooperação entre as pessoas não deveria ser então muito maior? Outra possibilidade seria a ocorrência de mecanismos morais biológicos inatos que permitiriam a estruturação mais complexa da moralidade?

Na obra “O juízo moral da criança”, o psicólogo e biólogo Jean Piaget nos apresenta o conceito de que bebês são seres amorais. A construção da mente da criança seria de responsabilidade da família e de todos ao redor dela, criando um ser social aos moldes daquilo que lhe é apresentado. Essa proposta de desenvolvimento da criança a partir da interação propõe que existem etapas específicas na mente, e que são essas fases que propiciam a evolução dela. Entretanto, estudos recentes revelam que bebês já possuem um sistema nervoso organizado capaz de tomar decisões morais rudimentares, revelando uma aptidão para interagir com o meio exterior, apesar do pouco desenvolvimento físico. No Laboratório de Cognição Infantil da Yale University os experimentos de dilemas morais feitos com teatro de fantoches para bebês de 5 e 6 meses de idade, revelam cerca de 80% deles preferem bonecos que agem de modo cooperativo e positivo ao invés de comportamentos egoístas ou negativos. Os resultados atestam que os bebês já possuem uma inata base moral rudimentar limitada que os possibilita julgar atitudes, responder a maldades e egoísmo, um pequeno senso de justiça entre outros (BLOOM, 2014). Diferentemente da época de Piaget, esses estudos revelam

que desde muito cedo, crianças já possuem uma mente moral preparada para atuar mutuamente com as pessoas do seu convívio, apesar de seu desenvolvimento corpóreo ser ainda muito imperfeito. Saber a partir de que idade e quanto rudimentar é esse “aparelho” moral, exigirá ainda muitas investigações. Mas existe uma forte disposição dos especialistas que consideram que não viemos ao mundo como uma “folha em branco” uma “tabula rasa”, como diria o filósofo inglês John Locke (1632-1704).

2.3 Neurociência e moralidade

Na segunda metade do século XX, os psicólogos estavam se posicionando em relação aos modelos que poderiam abarcar as teorias mentais. A dimensão moral teve suas bases na psicologia moral com Lawrence Kohlberg (1927-1987), que contribuiu para a compreensão de uma base moral de natureza fortemente racional. Se a base estava na perspectiva do racional, é importante considerar qual seria então o papel das emoções nos comportamentos morais e juízos morais. A partir dos anos 1990, da chamada década do cérebro, com o advento dos grandes e sofisticados equipamentos de neuroimagem, que possibilitaram observar o cérebro ativo, suas estruturas e funções, as pesquisas apontavam para as emoções como componentes importante nos julgamentos morais. Sentimentos se “mostravam” nos *scanners* dos dispositivos de leitura de atividade cerebral, revelando os correlatos neuronais em partes específicas do cérebro (GAZZANIGA, 2005). O córtex pré-frontal é uma importante área do cérebro, das últimas a se desenvolver no cérebro, e possui um papel essencial nas funções mais complexas do ser humano, como a linguagem, o raciocínio ou a tomada de decisão, entre outras.

Em termos morfológicos, essa área se encontra na região acima dos olhos, parte frontal da cabeça, e reúne de forma privilegiada as informações de outros importantes centros do cérebro, como o hipocampo, os lobos cerebrais, o tálamo, ajudando a coordenar os impulsos emocionais, a motivação e o foco atencional. Lesões nessa região do cérebro podem causar disfunções e problemas que danificam o planejamento, as emoções e a tomada de decisão (MACHADO, 2014).

Outra região muito importante na composição neural da moralidade chama-se sistema límbico. Estudado em detalhes pela primeira vez na década de 30 do século XX, esta região é extremamente intrincada de subáreas, e se tornou um labirinto de

estruturas de difícil compreensão. Chamado inicialmente de “cérebro emocional”, os circuitos de neurônios desse território revelam que sua atuação vai muito além do viés emocional. Atualmente as pesquisas revelam não um único sistema para as emoções, mas muitas estruturas subjacentes envolvidas em diversos processos. A complexidade de sentimentos que podem se originar dessa região revela a difícil missão dos neurocientistas em mapear o sistema límbico. Uma forte conexão entre o córtex pré-frontal e o sistema límbico estaria na base de muitos comportamentos pró-sociais e julgamentos morais. Habilidades como negar, impedir, refletir ou agir resultam do bom funcionamento dessa e de outras conexões (DAVIDSON, 2013).

Pesquisas em pacientes com danos numa área denominada córtex orbitofrontal, por exemplo, demonstraram que esses indivíduos possuem, além de muitos problemas cognitivos, dificuldades em julgar dilemas morais. A amígdala cerebral, também na região do sistema límbico, posicionada no lobo temporal, que foi descrita inicialmente como a “área do medo”, importante para o aprendizado de respostas e estímulos, não somente negativos, mas também positivos como os de recompensa, respostas sociais e cautela. Operando em conjunto, a amígdala cerebral e o córtex orbitofrontal interagem de forma interessante quando se faz necessário um comportamento condicionado ou de recompensas a estímulos externos (MOLL; ZAHN, 2011).

Esses componentes neuronais constroem nossos cérebros, e ajudam a direcionar nossa vida mental. Especialistas sugerem que os juízos morais estão relacionados com processos racionais e também são intimamente ligados às áreas emocionais do cérebro, muitos deles inconscientes e outros conscientes. Em inúmeros casos de dilemas morais, somos às vezes mais emocionais do que racionais, já que nosso dispositivo cerebral foi moldado dentro de complexas relações socioemocionais subjetivas e muito antigas, que herdamos de nossos antepassados. Para situações de juízos mais pessoais, nossos cérebros fazem uso de processos emocionais (sistema límbico e outras estruturas emocionais), e em casos mais impessoais, somos mais racionais (córtex pré-frontal e outras estruturas racionais). Esse pêndulo irá nos acompanhar em todas as situações de pensamento moral e tomadas de decisão (KAHNEMAN, 2012).

Apesar de existir uma enorme quantidade de pesquisas sendo feitas ao redor do mundo, ainda não há um panorama completo e totalmente detalhado sobre as bases neurais dos comportamentos morais. Muitos dos estudos são derivados de

pacientes com lesões cerebrais que mostram deficiência nos julgamentos morais, com pesquisas que exigem equipamentos sofisticados, voluntários e investimento. Todavia, as evidências científicas estão desvendando como o cérebro e seus circuitos estão envolvidos no processamento moral que orquestra os jogos éticos da vida do indivíduo. Seja na esfera privada ou pública, uma base biológica é também responsável pela construção do convívio fortalecedor dos grupos sociais em que vivemos (DAMÁSIO, 1996).

2.4 Ética das Virtudes Morais

Na filosofia, Platão (427-347 a.C.) debruçou-se sobre a educação e a ética, refletindo sobre que mecanismos deveriam ser utilizados para educar em prol da excelência do indivíduo, expressada no termo *areté* em grego, do homem virtuoso, daquele que detém as máximas qualidades de um cidadão. O objetivo da educação platônica era atingir essa excelência humana, nos valores políticos e morais, no autoconhecimento e no aprimoramento, já que estes estariam de acordo com a natureza, com a ordem cósmica. (REALE, 2003). A Academia de Platão não era apenas um espaço físico de saberes, um local para ensino de jovens, mas um lugar de formação cidadã, feita para o preparo da alta cultura, que buscava o saber, o pensamento crítico. Embora concebida como algo progressivo nos estudos filosóficos, tal Academia tem como meta uma educação que tornaria o indivíduo harmonioso, capaz de se desenvolver em corpo e espírito.

Em Aristóteles, o homem é um ser político (*zoonpolitikon*), que se apropria progressivamente da identidade através da comunidade, algo maior que ele, a *polis*, seu povo, e que tem como objetivo o bem viver coletivo (CHAUÍ, 2010). A *eudaimonia* ou plenitude do ser é a mais elevada forma de viver desejada pelo ser humano, na qual reside toda a morada do valioso, do integrador, daquele que procura harmonizar as ações humanas a fins nobres, e seu alcance está ligado aos processos educativos (MARCONDES, 2007).

O termo virtude provém do latim *virtus*, que significa “excelência”, “habilidade”, “capacidade”, sendo neste sentido, a força de realizar algo. Modernamente a palavra ganhou a referência de disposição, padrão no caráter, ou de alguém que agiu de forma moralmente correta. Virtudes morais referem-se aos traços do indivíduo que são considerados grandiosos, respeitáveis e admiráveis, como coragem,

generosidade, honestidade, paciência, entre outros. É verdade que diferentes sociedades consideram algumas virtudes mais significantes que outras, uma vez que podem estar ligadas a particularidades afetivas, familiares, religiosas, por exemplo, mas de maneira geral todas as grandes virtudes são valorizadas.

Duas formas de virtudes são apresentadas por Aristóteles, as virtudes intelectuais, que resultam do ensino formal recebido, que requer tempo, numa acumulação progressiva e sensibilização interior de um determinado conhecimento específico, e as virtudes morais, que se referem aos comportamentos, produtos de hábitos, que se aperfeiçoam também com o tempo (HOOFT, 2013). É o costume, a prática, que propicia o desenvolvimento das virtudes morais, pois nasce da reflexão e dos exercícios repetitivos das ações, que se interiorizam e permanecem no ser humano de forma estável, tornando-o mais virtuoso. É no hábito que deve estar a forma adequada de educar as virtudes, ensinando com o meio-termo, a justa medida, indispensável na visão aristotélica da ética, porque não pode haver virtudes onde há falta ou excesso. As virtudes necessitam do meio-termo, o ponto médio entre os extremos de um comportamento (ROSS, 1987).

O comportamento humano é complexo, razão pela qual nomear as virtudes morais não é uma missão simples como nomear objetos. Para Stan Van Hooft, um ato de bondade e um ato de compaixão, por exemplo, podem ser confundidos, assim, o modo como modelamos e classificamos as virtudes morais tem uma forte componente cultural, da linguagem e da época. Existe também o reconhecimento de quais virtudes morais seriam as mais importantes, dentro das sociedades contemporâneas. Aristóteles estabeleceu uma lista de virtudes morais no livro 2 da *Ética a Nicômaco*. No quadro abaixo as virtudes morais constituem-se como “meio-termo”.

Quadro 1 – Lista de Virtudes Morais.

Esfera de ação ou sentimento	Excesso	Meio-termo	Deficiência
Medo e confiança	imprudência	coragem	covardia
Prazer e dor	licenciosidade	temperança	Insensibilidade
Adquirir e gastar (menor)	prodigalidade	liberalidade	avareza
Adquirir e gastar (maior)	vulgaridade	magnificência	mesquinhez
Honra e desonra (maior)	vaidade	magnanimidade	pusilanimidade
Honra e desonra (menor)	ambição	ambição apropriada	desambição
Raiva	irascibilidade	paciência	falta de espírito
Autoexpressão	bazófia	veracidade	discrição
Conversaão	bufonaria	testemunha	indelicadeza
Conduta social	subserviência, bajulação	simpatia	rabugice
Vergonha	timidez	modéstia	desfaçatez
Indignação	inveja	justa indignação	gozo malicioso

Fonte: Adaptado de ARISTOTLE. The Nicomachean Ethics, 1976.

São Tomás de Aquino propõe quatro virtudes morais cardeais, a prudência, a coragem, a justiça e a temperança. A estas são acrescentadas outras três virtudes: teológicas, fé, esperança e caridade, claramente uma influência da tradição cristã. Numa publicação feita em 2004 pelo Governo do Estado Vitoriano Australiano (The Age, 29/10/2004), recomenda-se que as escolas incluam outras virtudes morais, como a tolerância, respeito, responsabilidade, excelência, cuidado, inclusão, honestidade, liberdade, e ser ético. No texto Character Strengths and Virtues: A Handbook and Classification, dos autores Christopher Peterson e Martin Seligman, são listadas outras virtudes morais:

- 1) **Sabedoria e conhecimento** (criatividade, curiosidade, abertura de mente, amor à aprendizagem, perspectiva)
- 2) **Coragem** (bravura, persistência, integridade, vitalidade)
- 3) **Humanidade** (amor, bondade, inteligência social)
- 4) **Justiça** (cidadania, equidade, liderança)
- 5) **Temperança** (perdão, humildade, prudência, autocontrole)
- 6) **Transcendência** (apreciação da beleza e da excelência, gratidão, esperança, humor, espiritualidade)

Peterson e Seligman consideram que as virtudes morais acima listadas lapidam o caráter, que nos permitem ter vidas mais plenas e realizadas e são admiradas em todas as principais culturas mundiais. A ordenação de uma lista de virtudes morais como de Aristóteles, posteriormente de Tomás de Aquino, e de outras diferentes listas existentes, impeliu os pesquisadores a pensar sobre um referencial de classificação e importância, algo como uma lista de virtudes morais principais (HOOFT). É importante refletir sobre essa alegação. Stan van Hooft, em sua obra *Ética das Virtudes* (2013), explica que muitas virtudes morais podem não ser virtudes morais genuínas, a partir do exemplo da competitividade, que em muitas sociedades ocidentais, está vinculada ao empreendedorismo, ao livre-mercado, à determinação. No entanto a competitividade pode estar repetidamente envolvida com a insensibilidade, abrasividade, egoísmo, pensamento de curto prazo. Desse modo, Hooft aconselha que não é suficiente apenas a definição da virtude moral, razão pela qual ela deve ser cuidadosamente analisada para se observar o conhecimento do agente sobre a virtude moral, a ação que quer ser promovida, a significância moral, os beneficiários da virtude, entre outros fatores.

Na interpretação de Stan van Hooft, a *Ética das Virtudes Morais* é valorosa porque consegue compreender a moralidade, estabelece condutas, descreve e justifica como elas se relacionam com a vida das pessoas, ordena os vínculos sociais e constrói o bom caráter. Salientamos que na criança, o caráter está em processo de desenvolvimento, e que este irá fornecer a estabilidade nas ações, criando a individualidade da pessoa (WALLON, 1971).

3 DESENVOLVIMENTO MORAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

3.1 O Desenvolvimento Moral

Se as relações sociais também ajudam a formar os indivíduos, uma proposta para o uso das virtudes morais no espaço escolar pode auxiliar na construção de regras e normas nesse ambiente e em outros, no sentido de um aumento da consciência moral da criança (PIAGET, 1973), com o objetivo de compreender os valores coletivos mais universais para uma boa harmonia social (TOGNETTA, 2007). O psiquiatra infantil Robert Coles, na obra *Inteligência Moral das Crianças* (1998), enfatiza que o aumento da inteligência moral e do entendimento das normas sociais é mais bem assimilado pela criança quando se faz uso de temas morais do cotidiano.

Para Piaget (1973), as interações sociais dos indivíduos se revelam em três categorias: regras (obrigação com as normas validadas), valores (motivação e significado) e sinais (maneira de expressar regras e valores). Os valores têm a capacidade de conduzir pessoas e grupos, além de poderem estar ligados a todos os seres humanos, tornando-se universais e tidos como virtudes (LINS, 1999). No caso das regras, elas são gradualmente aprendidas, são mais complexas e formam o sistema moral do indivíduo (PIAGET, 1994).

A psicologia da moralidade resulta do modo como o desenvolvimento cognitivo se constitui, juntamente com a prática e a internalização das regras sociais, como Piaget mostra de forma resumida nas tabelas:

Quadro 2 – Práticas das Regras.

Prática das Regras			
Motor e Individual	Egocêntrico	Cooperação Nascente	Codificação das Regras
Estágio relativo ao primeiro ano de vida, no qual a criança manipula os objetos do jogo de acordo com seus desejos e hábitos motores por meio de esquemas ritualizados.	Refere-se às crianças de 2 a 6 anos de idade. A criança joga sozinha, mesmo estando com pares. Há nesse estágio um movimento duplo de imitação e utilização própria dos modelos imitados.	Relacionado à faixa etária de 7 a 10 anos. Surge a necessidade de controle e unificação das regras porque a criança começa a raciocinar sobre estas.	A partir dos 11 anos. Surgem os regulamentos, códigos e procedimentos validados pelo grupo. Interesse pela regra em si mesma.

Fonte: Adaptado de PIAGET. Prática das Regras, 1994.

Quadro 3 – Consciência das Regras.

Consciência das Regras		
Anomia	Heteronomia	Autonomia
Regra motora.	Regra sagrada.	Regra como lei.
Hábitos que se constituem em regras individuais sem organização.	Imitação das regras que se tornam sagradas e imutáveis.	Regra como resultado de livre decisão mutuamente consentida.
Condutas motoras- regras motoras	Condutas egocêntricas- regras coercitivas.	Condutas de cooperação- regras racionais.

Fonte: Adaptado de PIAGET. Consciência das Regras, 1994.

Piaget demonstra que é nas interações entre indivíduos que nasce o conhecimento necessário para se viver socialmente, resultando numa escala de valores pessoal subjetiva, mas que se submete a uma maior, a social. Destacamos também que a moralidade se ergue progressivamente pela convivência social e pela educação, com valores e virtudes que cada indivíduo irá incorporar e que o forjará a um agir ético (LINS, 2009).

A proposta colaborativa para o desenvolvimento das virtudes morais das crianças nas escolas abordadas neste trabalho, refere-se, segundo Sucupira Lins

(2007), a uma “reflexão de práticas que podem ser propostas às crianças para o processo de formação geral”, aqui especificamente com o auxílio das Orientadoras Educacionais. Assim, é mais que ajudar crianças a entender normas e regras sociais, é uma proposta de promoção de caráter, tanto em benefício individual como social.

É na primeira infância, de acordo com estudos da psicologia do desenvolvimento, que a criança começa a criar os elementos para todas as futuras relações sociais, revelando que essas interações das vivências são de extrema relevância (SPITZ, 1979). É praticando e acumulando as virtudes morais nessa fase inicial da vida que a criança se torna cada vez mais virtuosa. Se as virtudes estão nos pilares do bom comportamento moral e da educação, surge a necessidade de explicar quando uma prática pode ser considerada virtuosa. Na visão da filosofia grega antiga, ações não podem ser consideradas virtuosas apenas porque são convenientes ou favoráveis à pessoa, uma vez que é necessário saber se o posicionamento adotado trata de fato de uma distinção consciente e livre, não podendo ser de natureza aleatória ou negligente, mas nascer de um índole sólida e racional. O psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg declara a urgência no ensino de ética, e que a educação formal também é o local onde pode se ensinar o cuidado com o outro, a justiça, a democracia, a colaboração, o respeito. Não somente pensando na criança como um futuro adulto, mas também como ser que vive e interage no presente, dentro da escola, no bairro e em casa. Kohlberg vê a escola como ambiente propício para o desenvolvimento moral da criança e do jovem, levando também a própria escola a se tornar uma comunidade mais ética, um recinto democrático a partir de seus ocupantes.

3.2 Educação Ética

A pertinência deste trabalho vai justamente ao encontro do desenvolvimento do comportamento moral no ambiente escolar entendendo que as virtudes necessitam ser desenvolvidas no sujeito desde sua vida infantil, como forma de uma dimensão humana importante para a vida em sociedade. Dessa forma, pretende-se a construção de uma sociedade mais empática e colaborativa, contrapondo-se ao desmantelamento suscitado pelo individualismo corrente na atual contemporaneidade.

A necessidade de uma educação ética e as contribuições que esta pode vir a ter é uma resposta para os desafios nas relações cotidianas, com confrontos e desentendimentos de opiniões caracterizadas pelo pluralismo de condutas e por uma crise ética (GREENE, 2018). Devemos ter em mente que as ações de desenvolvimento das virtudes morais remetem à ideia de que as crianças absorvem valores morais por meio de referências externas, representadas por pais, cuidadores ou professores, e que elas irão espelhar no futuro a moralidade aprendida (PIAGET, 1994).

A escola é um espaço público, onde diferentes indivíduos e comportamentos coexistem. Um clima de desrespeito, intolerância e imposições pode facilmente florescer, daí decorre o papel essencial dos educadores e gestores das escolas na formação ética dos jovens. Mas de que forma podemos pensar em ações que ajudem no desenvolvimento de comportamentos pró-sociais dentro da escola? Que educação ética é possível promover aos estudantes? Uma possibilidade é o desenvolvimento das virtudes morais. A educação de virtudes é antiga, remete ao período homérico, trazendo a proposta de que o indivíduo necessita de uma educação virtuosa, em especial aquela que esteja de acordo com a justiça, fundamental para a vida cidadã. Virtude é a força da ação que algo possui. Objetos possuem funções no nosso cotidiano, servem para um determinado fim, automóveis para nos levar de um local a outro, frascos guardam seus conteúdos, e assim o homem possui também seu papel, a busca da excelência (COMTE-SPONVILLE, 2005).

Conhecer as virtudes é um primeiro passo, de modo que resta ao indivíduo interiorizá-las e torná-las um hábito. Isso levará o indivíduo a uma mudança de seus comportamentos, um desejo em busca de sua humanização, com propósito do bom e do bem (ABBAGNANO, 2012). Na vida pública isso é indispensável. Uma ética voltada para o coletivo, com cidadãos que pensem no bem-estar de todos deve estar presente em toda sociedade e principalmente dentro da escola. Um local escolar virtuoso proporciona às crianças o significado das regras, normas e comportamentos pró-sociais, evoluindo de carência de regras até a consciência destas, resultando num ser de autonomia (PIAGET, 1994).

Um robusto desenvolvimento das virtudes morais é mais do que preparar e reforçar a excelência do caráter, possibilitando a construção de um adulto íntegro, mas indispensável para o entendimento de que as boas atitudes sociais não são

apenas ações de vontade individualista, mas fruto de uma conduta de intenção do dever comunitário, que busca a felicidade coletiva nas práticas pró-sociais, permitindo o diálogo, a democracia e o exercício da responsabilidade. Compreender que a condição humana faz-se a partir de uma complexidade é o pilar da ética consciente das futuras gerações (MORIN, 2011).

A educação ética é também o desenvolvimento de uma prática contínua de reflexões, que nunca predica um cenário definitivo e finalizado, mas como um exercício constante de pensar sobre os problemas e dilemas que a criança irá enfrentar ao longo da vida (SUCUPIRA LINS, 2009). Fornecer a ferramenta de pensamento crítico será de grande valia para todas as esferas e momentos da vida, sendo muito mais do que apenas transmissão de valores por tradição, que apesar de importante, em muitos casos não dão conta de toda realidade. As paisagens éticas estão expostas na sociedade, promovendo discussões e querendo posicionamento de nós, ponderando a legitimidade, as composições e os limites, às vezes gerando juízos provisórios que podem ser de tempos em tempos refinados ou refutados (GREENE, 2018). O desenvolvimento das virtudes morais nas escolas facilita debates morais que motivam o raciocínio argumentativo e empático, e que utilizando o professor ou orientador como mediador de temas e organizador, pode auxiliar no ensino e na compreensão das imprecisões e lacunas que uma determinada posição pode gerar (MORIN, 2011).

A escola que oferece uma formação ética, familiarizando os alunos a explorar os dilemas morais a partir das virtudes morais estará promovendo cidadãos com consciência moral para o futuro (MACINTYRE, 2011). A sociedade contemporânea espera que a escola seja incentivadora de um ensino moral, com um compromisso indispensável na formação humana da criança e do jovem. Certas formas de comportamento moral podem inclusive ajudar a preservar uma cultura, algo como uma seleção natural aplicado a um grupo social (ABIB, 2001).

Não parece existir um acordo único sobre a intensidade da influência social no indivíduo durante o processo de crescimento, mas segundo as pesquisadoras Koller e Bernardes (1997), o processo de descentralização da criança é gradual, percebendo o outro, e aumentando as próprias experiências que influenciam consideravelmente nos comportamentos pró-sociais. Acreditamos que é atribuição dos pais, profissionais da escola, e de outras pessoas que cercam a criança, ajudar no desenvolvimento e correção dos comportamentos, norteando as virtudes a serem

interiorizados pela criança, encorajando-as cada vez mais a pensar de forma coletiva. Estudos mais antigos, que não serão nosso foco aqui, realizados pelo psicólogo Justin Aronfreed nos anos 60, sobre a proibição dos comportamentos antissociais, autocrítica, reparação de danos e confissão, vão ao encontro com outro estudo que relaciona estes inibidores e a punição que crianças recebem. Tais estudos consideram os tipos de pais, demasiadamente severos, afetuosos ou demasiadamente afetuosos (PRUST; GOMIDE, 2007).

Em estudos com famílias cujos pais possuem virtudes morais que são consideradas elevadas constatou-se uma quase ausência de comportamentos antissociais e a elevação dos índices de comportamentos pró-sociais e a melhoria da autoestima dos filhos (NURCO; LERNER, 1996). A relação afetiva e a qualidade das práticas disciplinares dos pais têm sido relacionadas com maior consciência moral das crianças (PRUST; GOMIDE, 2007). Mães que praticam boas relações de empatia cognitiva e emocional com seus filhos acentuam vigorosamente os comportamentos pró-sociais dos filhos, (EISENBERG, 1993). O apoio fornecido pelos pais para a segurança da criança favorece a compreensão da importância do bem-estar dos outros. Em contrapartida, pais negligentes ou coercitivos, cujas atitudes revelam ameaça ou raiva contra a criança, ampliam as possibilidades da criança de deixar de dar atenção às suas próprias ações para focar e valorizar os resultados de suas transgressões (HOFFMAN, 1975).

Esses trabalhos revelam nitidamente uma correlação entre estilos parentais e comportamentos pró-sociais dos filhos. As normas e regras praticadas dentro do núcleo familiar proporcionam o desenvolvimento da empatia, da justiça, da honestidade, da generosidade, da valorização do cuidado, entre outros, que poderão determinar a qualidade dos relacionamentos interpessoais e dos papéis sociais dessas crianças ao longo da vida. O aprendizado da moralidade não ocorrerá de forma eficaz se não for realizado num clima legítimo de afetividade e humanidade (KELLERMAN, 2002), dando espaço para ouvir a criança e avaliá-la, além de compreender que do outro lado deve estar alguém que ensina por meio do exemplo.

No campo das práticas educativas de desenvolvimento das virtudes morais nas escolas, a psicóloga Paula C. Gomide (2010) destaca que o tema deve ser abordado por meio de discussões de dilemas morais e experiências do cotidiano, em que educadores de forma sempre afetuosa, apontem suas posições sobre comportamentos pró-sociais e antissociais, sempre beneficiando os princípios que

ajudam a viver bem em sociedade. Esse estudo propõe a ideia de transmitir virtudes morais, ajudando as crianças a fazerem autocrítica e reparação de danos. A escola deve, sempre que possível, realizar atividades envolvendo temas morais, criando condições para que os alunos aprendam a agir moralmente no mundo.

A educação ética está além de ser apenas um transmissor cultural, uma forma de criação de bons hábitos, costumes, regras culturais aceitas por um grupo, ela também pode ser uma metodologia que auxilia os indivíduos a esclarecer as virtudes e valores que lhes são significantes, adequando-o às decisões morais ou situações em contextos específicos (BICUDO, 1982). É necessário a introdução de uma educação de virtudes com objetivo de melhorar as relações humanas numa sociedade industrial e altamente tecnológica (DIAS, 2005), e que aponte em direção a vínculos marcados pela solidariedade e cooperação, em oposição ao individualismo atual.

O educador espanhol Josep Maria Puig caracteriza os principais processos da educação ética na escola, a partir da esfera interpessoal entre professor e aluno, abordando temas morais dentro do currículo escolar, e também da própria instituição escolar como um ambiente ético. Se os profissionais dentro da escola quiserem promover a educação ética, esta jamais deve ser realizada de maneira opressora e arbitrária, com fins de vigilância ou punição (COMTE-SPONVILLE, 2005), mas de modo a estimular o diálogo, o respeito, os debates, a justiça, atitudes estas que despertam o crescimento moral.

As ações para uma educação ética devem ser realizadas por faixa etária através de atividades reflexivas, conceituais concretas e prático-experimentais, pensando na realidade pessoal e coletiva, utilizando discussões em grupos, dramatizações, jogos lúdicos, músicas, filmes, etc.

3.3 PCN e BNCC

A atenção para uma Educação Ética não surge apenas nas vozes dos educadores ou da própria sociedade, a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, também entende o ambiente escolar como local para a promoção da cidadania, pois coloca como objetivos fundamentais da República:

[...]Construir uma sociedade livre, justa e solidária; Garantir o desenvolvimento nacional; Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL, 1988, p. 01).

Na mesma direção, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) aconselha uma educação para um mundo melhor:

Num mundo compartilhado, porém intensamente competitivo, temos de descobrir maneiras pelas quais os diferentes grupos culturais possam conviver, respeitar a dignidade e o valor de cada pessoa e de cada cultura, e aprender a compartilhar e a cuidar de nosso futuro comum. (POWER, 2002, p. 42)

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da educação brasileira, recomenda-se a educação em valores a partir de temas transversais, sistematizada a partir de dois pontos: a afetividade (propondo um projeto de felicidade) e a racionalidade (tomada de decisão responsável), ambas com base nas interações sociais do indivíduo. A questão da ética nos PCN não indica rumos específicos a seguir, até pela diversidade dos ambientes culturais e sociais das escolas brasileiras, mas norteia que é preciso criar condições para a construção de temas numa educação em valores.

No artigo, “Educação em Valores: em busca de projetos brasileiros em escolas públicas”, de Maria Suzana De Stefano Menin, Maria Teresa C. Trevisol e Raul Aragão Martins, é descrito o que os pesquisadores brasileiros e os PCN entendem como uma boa educação em valores ou educação moral:

- a crença de que a escola deve imbuir-se do compromisso em educar moralmente seus alunos, sem delegar essa tarefa apenas à família;
- esta educação deve ter como finalidade o fortalecimento de valores considerados universalizáveis, como os de justiça, igualdade, liberdade, respeito, tolerância à diversidade, solidariedade, cooperação e outros que compõem a atual declaração dos Direitos Humanos e que se harmonizam com uma convivência pacífica e democrática entre as pessoas;
- esta educação não deve se limitar a uma disciplina específica, mas ser, de preferência, transversal aos programas curriculares, alcançando o maior número

possível de espaços e de participantes escolares e mesmo da comunidade e tendo continuidade na escola pelas várias séries e anos;

- nesta educação devem ser explicitados, discutidos e reconstruídos e não simplesmente transmitidos, valores, regras e princípios que orientam o como viver numa sociedade justa e harmoniosa, mesmo que a sociedade atual não se mostre, muitas vezes, assim;

- todos concordam que essa educação se dê por meios baseados no diálogo, na participação, no respeito, enfim, nos procedimentos e estratégias que se coadunem com a construção de indivíduos autônomos;

- e, finalmente, essa educação deve resultar numa adoção consciente e autônoma de valores morais de modo que os mesmos passem a fazer parte da personalidade – moral – dos alunos.

Muitas propostas de Educação Ética, civismo e cidadania têm sido apresentadas no Congresso Nacional Brasileiro, além de diversos projetos de lei (AMARAL, 2007). Sem exceção, os projetos defendem o retorno e a consolidação dos valores morais, patrióticos e sociais dentro das escolas, seja como disciplina específica ou como atividades extracurriculares. Teses e dissertações que tratam do tema da educação e ética foram examinadas por Yves de La Taille, Lucimara Silva e Souza e Letícia Vizioli (2004). De acordo com tais pesquisadores, poucos desses trabalhos propunham um programa real de Educação Ética, sendo que a grande maioria não propunha tipo algum de atividade, apenas propostas.

Essa constatação é desanimadora já que os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que as instituições de ensino devem elaborar uma formação ética para os alunos. O educador Larry Nucci (2000) argumenta que os valores éticos, importantes para a boa convivência social, não estão sendo ensinados à nova geração, o que resulta em tempos de moralidade reduzida e em tentativas de retorno dos valores tradicionais antigos. Vale aqui ressaltar uma importante distinção entre moral e convenção social, a primeira é uma compreensão da concepção, por exemplo, de justiça e do bem-estar, enquanto a outra é constituída por padrões de condutas aceitos de acordo com determinações específicas de grupo social. Nucci também afirma que o ensino da moralidade deve estar imerso nas questões de justiça e direitos, bem como a amplificação progressiva desses temas na vida cotidiana dos estudantes. A BNCC sugere que os educadores devem ajudar o

estudante a agir coletivamente, com responsabilidade, dentro de princípios éticos democráticos e solidários. Valores como flexibilidade, resiliência e determinação, devem estar presentes nas práticas diárias da educação, contribuindo para a melhor tomada de decisão, ponderação sobre consequências, liderança e participação e conflitos de dilemas complexos.

Novamente Nucci (2000) declara que a educação ética não deve ser tratada como uma disciplina diária, mas deve ser integrada à experiência escolar como um todo, e em sintonia com o desenvolvimento dos alunos, levando em conta que as convenções sociais e moralidade nascem diferentes. No ambiente escolar é possível abordar problemas sociais reais, encorajando as crianças para que apresentem soluções e permitindo que eles assumam responsabilidades ainda não vivenciadas. Não se ensina cooperação sem a ação cooperativa, tampouco justiça sem ações justas, nem tolerância sem diálogo (MENIN, 2002).

A noção de que apenas o desenvolvimento da empatia pode promover comportamento pró-sociais é parcialmente correta, já que é por meio de repetidas comparações que a criança faz dos sentimentos dela com os sentimentos correspondentes dos outros, e é por meio dessas comparações que ela aprende o que estar no lugar do outro (KOLLER; BERNARDES, 1997). Não é uma tarefa simples determinar quais comportamentos éticos precisam ser ensinados, ou o que consideramos moralmente correto, mas construir práticas para o desenvolvimento das virtudes nas escolas aspirando uma melhor preparação para a vida da criança parece ser um bom caminho, que irá favorecer e fortalecer a cultura da boa convivência que queremos para as futuras gerações.

4 PESQUISA DE CAMPO

4.1 Caracterização do local da pesquisa

Este trabalho foi realizado no município de São Caetano do Sul, São Paulo, uma das cidades que compõem o grande ABC Paulista. São Caetano do Sul é a menor em extensão (aproximadamente 15 km²) da região, com uma população de aproximadamente 157 mil habitantes e alta densidade demográfica, 9857,53 por

Km², superior aos 2642,10 km² da Região Metropolitana de São Paulo, segundo dados da Fundação Seade, vinculada ao Governo do Estado de São Paulo, e que apresenta uma condição privilegiada de qualidade de vida, quando comparada com outros municípios.

No que se refere à educação, os índices de qualidade são altos: a Secretaria de Educação dispõe de 60 unidades da rede municipal, sendo 16 Escolas Municipais Integradas (EMIs), 24 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) e 20 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), sendo que 3 delas possuem Ensino Médio. Esses dados revelam que na faixa etária compreendida entre 18 e 24 anos, 75,5% possuem Ensino Médio completo (dados de 2010), e no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do ano de 2015, a cidade tem a pontuação de 7,2, acima dos 5,3 da média nacional.

Quadro 4 – Características demográficas das cidades do grande ABC.

Município	População	Área Territorial (Km²)	IDH-M 2010
Santo André	704.942	175,781	0,815 (8º)
São Bernardo do Campo	805.895	409,478	0,805 (16º)
São Caetano do Sul	156.362	15,33	0,862 (1º)
Diadema	406.718	30,796	0,757(184º)
Mauá	444.136	61,866	0,766 (134º)
Ribeirão Pires	118.871	99,119	0,784 (58º)
Rio Grande da Serra	47.142	36, 341	0,749 (245º)

Fonte: Adaptado de: GARCIA e PREARO. “Avaliação da Educação no Grande ABC Paulista”, 2016, p. 55.

A Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul dispõe de um centro de formação continuada para profissionais da educação CECAPE – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns. Nesse espaço, profissionais especialistas disponibilizam cursos, palestras, oficinas, grupos de estudos, simpósios, congressos, e também desenvolvem materiais pedagógicos e avaliações que são aplicadas pela rede municipal. O centro está sediado no bairro Barcelona, num moderno ambiente de aproximadamente 5000 m² inaugurado em 2011, dispendo de salas de aula, oficinas, biblioteca e auditório.

4.2 Os Procedimentos Metodológicos

Para este trabalho, utilizamos a Pesquisa Colaborativa, uma das variantes da pesquisa-ação. Seguindo os propósitos da pedagoga Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina (2008), a pesquisa colaborativa tem como objetivo transformar o ambiente escolar, juntamente com os profissionais de educação, num local de pensamento reflexivo através das ações conjuntas entre pesquisadores e pesquisados. Ao escolher essa modalidade de pesquisa, consideramos a liberdade que ela permite aos pesquisados, possibilitando que eles se tornem sujeitos indagadores e colaboradores na produção de conhecimento.

Dessa forma, o pesquisador detalha como construiu os dados, como analisou as situações observadas; explicita as questões que orientam o escrito, as posições teóricas; reflete sobre os erros e os obstáculos encontrados, assumindo o caráter reflexivo do texto escrito, que torna consciente e visível o processo de construção da pesquisa. (IBIAPINA, 2008, p. 82)

A pesquisa colaborativa é uma prática conjunta que valoriza as contribuições, a partir de coautores dos processos investigativos, participação ativa e consciente (IBIAPINA, 2008). Pesquisadores e pesquisados compartilharam ideias por meio de Sessões Reflexivas, abordando dúvidas e expectativas sobre o tema da Educação Ética, tomando consciência do valor do ensino das virtudes nas escolas e propondo ações concretas para as escolas.

Neste trabalho foram escolhidos como atores pesquisados os Orientadores Educacionais das escolas municipais de Ensino Fundamental I do município de São Caetano do Sul. Definidos os partícipes, foi traçado o perfil deles por intermédio de um questionário com questões fechadas para obter as informações básicas, como idade, sexo, formação acadêmica, experiência profissional, etc. Posteriormente, foi necessário elaborar o reconhecimento do tema de Educação Ética com os Orientadores Educacionais, que revelou a compreensão e profundidade do tema exposto. É foi precisamente nesta fase da pesquisa que aconteceram as Sessões Reflexivas, tanto para refletir sobre a importância da Educação Ética nas escolas, como também para a produção de práticas de desenvolvimento das virtudes morais feitas pelos próprios Orientadores Educacionais.

A outra parte essencial da pesquisa é a análise dos resultados, que foi sistematizada com base na Narração Reflexiva (IBIAPINA, 2008, p. 108). Como procedimento ela deve ser uma descrição e análise fiel ao contexto em que a pesquisa foi realizada. Durante as Sessões Reflexivas, os atores puderam identificar o quanto conheciam ou desconheciam o tema Educação Ética, e também puderam revelar quais são as demandas das virtudes morais para cada escola, representado ali por seu próprio Orientador Educacional, que exibiu suas especificidades do próprio ambiente escolar onde eles estão envolvidos (ARANHA, 2015). A psicóloga Wanda Maria Junqueira de Aguiar (2015) recomenda que numa interpretação de resultados, neste caso, a partir das Sessões Reflexivas, a captura do discurso de cada Orientador Educacional vá além da própria fala apresentada por eles, e que se dê valor também ao sentido das palavras recolhidas e registradas nas reuniões.

Assim, acreditamos que o método escolhido foi bastante apropriado às expectativas que tínhamos para a pesquisa em Educação Ética. O desenvolvimento das virtudes morais para a melhoria dos comportamentos pró-sociais reconhece a potencialidade da criança, e os Orientadores Educacionais, dentro do espaço escolar, podem ajudar a colocar em prática algumas atividades no interesse de uma formação ética como um dos pilares da educação (LINS, 2015). Acreditamos que a pesquisa colaborativa mostrou-se bastante eficaz nessa estratégia já que todo trabalho tinha como foco principal refletir sobre as demandas de uma Educação Ética nas escolas e contribuir para futuras ações nas escolas em benefício de uma sociedade mais justa, solidária e democrática.

Para delinear os objetivos específicos propostos no trabalho, a pesquisa foi dividida em três partes:

1) Na primeira parte, fizemos um levantamento do perfil dos Orientadores Educacionais da rede municipal de ensino de São Caetano do Sul aplicando um questionário com questões fechadas (APÊNDICE 1).

2) Na segunda parte, foi realizado um reconhecimento sobre a compreensão dos atores da pesquisa a respeito do tema Educação Ética, propondo nas Sessões Reflexivas o entendimento dos conceitos de ética, moral, valores, virtudes e também das atividades práticas envolvendo as virtudes morais.

3) Na terceira parte, com apoio dos resultados obtidos na segunda parte, foram elaboradas algumas dinâmicas que resultaram em atividades práticas que podem servir como modelo para futura inclusão das virtudes morais nas escolares,

sempre atendendo-às necessidades de cada escola e com o amparo dos Orientadores Educacionais,

4.3 Caracterização dos participantes da pesquisa – Orientadores Educacionais

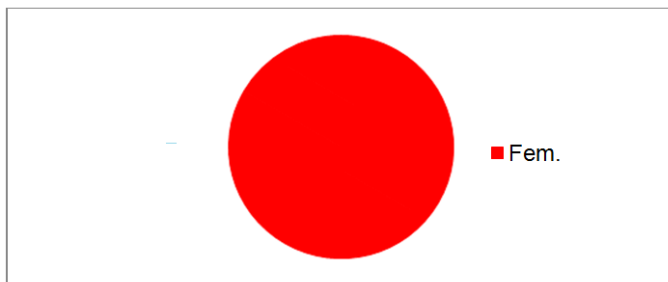
Os Orientadores Educacionais não estão em todas as escolas do Brasil. Dos 26 estados brasileiros mais o Distrito Federal, 13 dispõem do orientador nas redes públicas (PASCOAL; HONORATO; ALBUQUERQUE, 2008). Nas escolas públicas do Estado de São Paulo, por exemplo, esse profissional não está presente. Já nas escolas particulares eles não só estão presentes como têm um papel importante juntamente com o restante do corpo gestor. Essa pequena participação nas escolas públicas possibilita alguns questionamentos: a real necessidade e permanência desse profissional nas escolas; a verdadeira atividade que deve ser desempenhada por eles; o tipo de admissão desse profissional mediante concurso público ou de confiança.

Apesar dessas dúvidas, o Orientador Educacional está capacitado a atender os alunos, mediar expectativas e soluções para problemas de aprendizagem, ajudar a promover a consciência social, auxiliar no desenvolvimento do exercício da cidadania, compreendendo os sentimentos, valores e ações do estudante, entre outras tarefas. Além disso, o Orientador Educacional é uma ponte importante entre a escola e a família, cabendo a ele a aproximação dessas partes tendo como objetivo final a construção de ambientes educativos de qualidade. Sua função pode colaborar na organização de projetos educacionais, na abordagem e discussão de temas éticos relevantes e nas demandas da comunidade que cerca a escola.

As instituições de ensino que optaram pela presença do Orientador Educacional acreditam que ele pode ajudar a promover nos estudantes uma consciência crítica e um sólido senso político-social, sempre em prol da cidadania (PASCOAL; HONORATO; ALBUQUERQUE, 2008). Destacamos que os Orientadores Educacionais do município de São Caetano do Sul possuem uma parte da responsabilidade de favorecer situações para que o aluno manifeste seus valores, reconheça suas limitações e escolha a forma de estudos mais adequada a sua necessidade, conforme o regimento escolar (ANEXO 1). Contudo, no cotidiano das escolas municipais de São Caetano do Sul, os orientadores estão se limitando apenas a atender e aconselhar os alunos encaminhados por indisciplina, a cuidar da

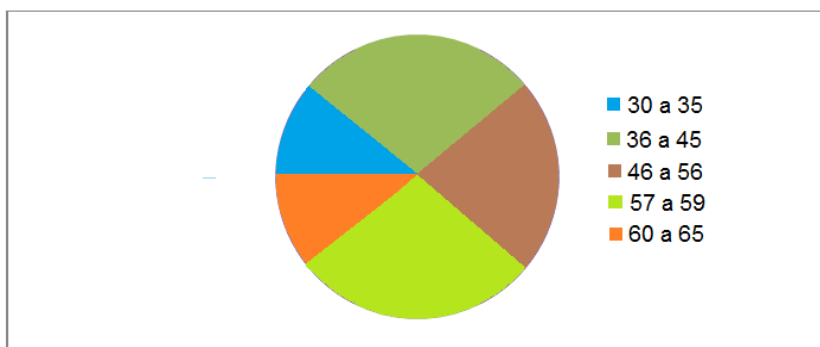
frequência escolar, e em casos necessários, destinar alunos para algum especialista fora da escola. Os gráficos a seguir descrevem os dados obtidos no questionário de caracterização dos Orientadores Educacionais:

Gráfico 1 – Sexo dos participantes.



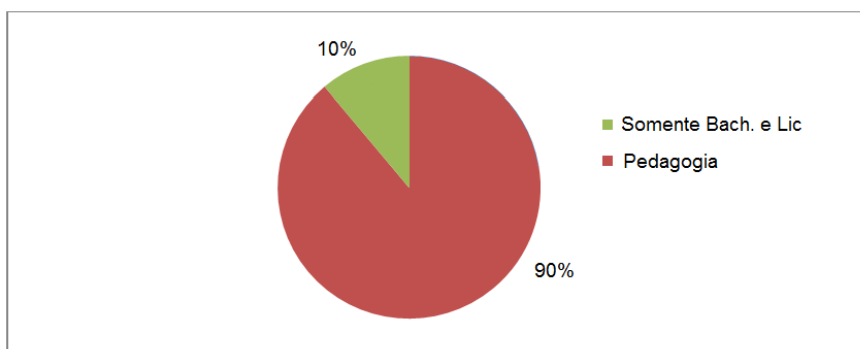
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Gráfico 2 – Faixa etária dos participantes (anos).

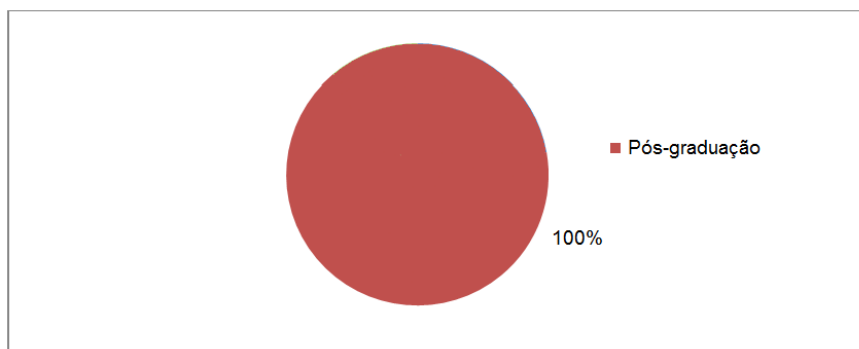


Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Gráfico 3 – Formação inicial dos participantes.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Gráfico 4 – Formação complementar dos participantes.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dos Orientadores Educacionais participantes, 25% estão na função de orientador a mais de 10 anos e o restante, 75%, com menos de 10 anos de função. Esses são os profissionais que participaram das Sessões reflexivas deste trabalho, conforme as disposições da Pesquisa Colaborativa apresentadas a seguir.

4.4 Os encontros da Pesquisa Colaborativa

A Pesquisa Colaborativa mostrou-se bastante proveitosa neste trabalho já que ela tem como propósito a participação efetiva dos Orientadores Educacionais, tanto nas reflexões sobre os conceitos que envolvem o tema de Educação Ética como também sobre as possíveis práticas que podem ser realizadas por eles no ambiente escolar. A intenção não era mostrar atividades prontas, ou algum tipo de apostila ou livro para o desenvolvimento das virtudes morais, mas sugerir que despontasse dos próprios Orientadores Educacionais a elaboração das atividades, utilizando tanto o conhecimento do assunto como a imaginação. Desse modo, embora possua diversos significados, a utilização da reflexão favoreceu aos participantes a assimilação dos princípios deste trabalho, e contribuiu para própria construção de um ensino reflexivo (ZEICHNER, 2008).

As virtudes morais utilizadas para a criação de práticas podem ser diversas, mas por serem mais adequadas à faixa etária das crianças, a empatia, a honestidade, a justiça, a perseverança e a prudência, podem ser as mais apropriadas (LINS, 2015). Entretanto, neste trabalho foram os Orientadores Educacionais que sugeriram quais virtudes morais eles acreditavam ser as mais

adequadas e relevantes. A proposta de uma construção própria das ações, fundamentada por meio de reflexões, mostrou-se mais produtiva pela maior disposição ativa dos profissionais envolvidos, ao invés de uma postura passiva de apenas receber mais uma formação mecânica (ZEICHNER, 2008). Observamos também que nas Sessões Reflexivas os resultados obtidos extrapolaram e se subdividiram em mais indagações, levando a outras reflexões e a um movimento cada vez maior e mais profundo de reflexões (IBIAPINA, 2008).

4.5 As Sessões Reflexivas

As Sessões Reflexivas foram organizadas de forma que possibilitassem mudanças na forma de produção de práticas na educação a partir dos elementos teóricos, sempre em parceria (IBIAPINA, 2008). Os encontros para as Sessões Reflexivas (APÊNDICE 2) com o grupo de Orientadores Educacionais ocorreram no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns (CECAPE) em São Caetano do Sul, nos meses de julho e agosto de 2019, conforme o quadro a seguir:

Quadro 5 – Cronograma das Sessões Reflexivas.

Data da sessão	Participantes	Quantidade
03/07/2019	Orientadores Educacionais	21
10/07/2019	Orientadores Educacionais	15
07/08/2019	Orientadores Educacionais	19
15/08/2019	Orientadores Educacionais	08
22/08/2019	Orientadores Educacionais	08

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

É importante frisar que o número de participantes nos três primeiros encontros foi maior devido ao fato de esses encontros terem sido realizados durante a semana, na parte da manhã (das 8h30min até às 11h), no período de trabalho dos Orientadores Educacionais, enquanto que os dois últimos, foram feitos em duas noites (das 18h30min até as 21h), fora do expediente. Os encontros do grupo de Orientadores Educacionais foram feitos sempre na mesma sala de aula do CecaPe, bastante acolhedora, com carteiras organizadas em semicírculo, ar condicionado e

notebook com projetor de slides, lápis e papel. Ademais, foram oferecidos bebidas e lanches num pequeno intervalo de 20 minutos em todos os encontros. As Sessões Reflexivas do grupo foram gravadas em formato MP3 Player (Motion Picture Experts Group – Audio Layer 3), com aparelho digital e transcritas conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE 4).

A primeira Sessão Reflexiva com o grupo foi iniciada com um agradecimento pela participação dos profissionais na Pesquisa Colaborativa, seguida com uma breve apresentação do pesquisador, do orientador da pesquisa e da instituição universitária que promove este trabalho. Em seguida, foi explanada a sequência básica das reuniões, apresentada a seguir:

- 1) Apresentação do tema do encontro;
- 2) Exposição do(s) tópico(s) do encontro;
- 3) Escrita individual do Orientador Educacional sobre o(s) tópico(s);
- 4) Leitura e apreciação da escrita do Orientador Educacional;
- 5) Definição dos conceitos do tema e reflexões;
- 6) Intervalo;
- 7) Formação dos grupos de trabalho;
- 8) Discussões em grupos para a produção de atividades práticas;
- 9) Apresentação das atividades práticas de cada grupo;
- 10) Discussões dos resultados;
- 11) Encerramento.

1º Encontro
03/07/2019
Comportamentos morais na escola Definição de ética e moral

Na primeira Sessão Reflexiva, após todos os Orientadores Educacionais já acomodados e atentos, foi apresentado um primeiro slide com a seguinte pergunta: **“Quais comportamentos morais devem ser desenvolvidos nas escolas?”**. Foi concedido um tempo para que os participantes ponderassem sobre a pergunta e respondessem, caso quisessem. Num slide, foram anotadas as demandas morais que os Orientadores Educacionais relataram:

Figura 1 – Demandas ético/morais nas escolas.

Demandas ético/morais nas escolas:		
JUSTIÇA	VERDADE	EMPATIA
PACIÊNCIA	DISPOSIÇÃO	DIÁLOGO
RESILIÊNCIA	PARCERIA	COOPERAÇÃO
DISCIPLINA	PERDÃO	GENTILEZA
SINCERIDADE	AFETIVIDADE	SOLIDARIEDADE
CORAGEM	VALORIZAÇÃO	CUMPLICIDADE
DIREITOS/DEVERES	RESPEITO	UNIÃO
PERTENCIMENTO	EMPATIA	BOA VONTADE
HONESTIDADE	RESPONSABILIDADE	POSITIVISMO
BONDADE	VALORIZAÇÃO DOS EDUCADORES	PERSEVERANÇA
TOLERÂNCIA	AMOR	PERSISTÊNCIA
ESCUTA	ACOLHIMENTO	AMIZADE
HUMILDADE	DEDICAÇÃO	SENSATEZ

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Após o relato terminar, foi ofertado um tempo para que os orientadores justificassem de forma escrita as escolhas efetuadas, e depois uma leitura coletiva dessas justificativas. Alguns Orientadores Educacionais relataram suas perspectivas expondo a questão do respeito como virtude moral central. Nessa interpretação, as escolas tornaram-se locais de pouco respeito, não somente na relação aluno-professor, mas também com os outros profissionais da instituição, como inspetores de alunos, serventes e no corpo administrativo. A comunicação áspera e hostil por parte dos alunos e dos demais profissionais da escola, produz um encadeamento que se torna, segundo os orientadores, cada vez maior.

A observação dos partícipes sobre o respeito mostrou-se unânime naqueles que quiseram se pronunciar já que *“No meu ponto de vista é, a falta de respeito às opiniões dos outros, a parte mais complicada hoje”* (03/07/2019 OE1). Nessa falta de respeito, os próprios orientadores fornecem a solução, a Empatia:

“Acho que é empatia, no sentido de se colocar no lugar dos outros e principalmente na resolução de conflitos. Eu vejo um grande problema na comunicação. As pessoas brigam, não se ouvem. No diálogo. Acho que isso é um ponto forte que precisa ter.” (03/07/2019 OE2).

O Respeito é o reconhecimento da dignidade própria ou alheia, e que juntamente com a Justiça, são considerados fundamentais para a vida em comunidade. Aristóteles e Immanuel Kant, no entanto, entendem o Respeito como uma emoção. Kant afirma que é um sentimento moral, que se refere às pessoas e

não às coisas. Habitualmente, Respeito é o esforço de reconhecer no outro indivíduo, ou em si mesmo, uma dignidade que se tem o dever de se proteger (ABBAGNANO, 2007, p.854).

Nas narrativas dos orientadores não fica claro se eles sabem como desenvolver o Respeito, tampouco se isso é possível. Entretanto, a utilização da Empatia como ferramenta de aumento do respeito estava presente nos relatos. A Empatia será discutida com mais detalhes a seguir, porém ela somente é possível quando o indivíduo cria uma fusão emotiva com o outro, numa projeção que é despertada em nós pela imitação da expressão corpórea.

Chamou atenção a extensa lista de demandas ético-morais que os orientadores consideraram como importantes. Esse fato gerou a princípio um estado de perplexidade seguido de um desânimo. Seria possível desenvolver tantas exigências? Serão algumas delas bases para outras e assim encurtar a lista? Desejávamos que tais questões aparecessem nas reflexões, contudo não foi aludido vocalmente por nenhum participante.

Após o término e exame do primeiro tópico, foi exposto um segundo slide com as seguintes perguntas: **“O que é ética? O que é moral?”**. Novamente foi concedido um tempo para que os participantes ponderassem sobre as perguntas e respondessem.

As explicações para os conceitos de Ética e Moral foram distintas entre os participantes. Alguns afirmaram que a Ética é o conjunto de princípios estabelecidos pela sociedade, daquilo que acreditamos ser correto ou ainda daquilo que as pessoas esperam de nós. Já que em relação à Moral, foi relatado serem os valores passados a partir da família, os responsáveis por regular nossas ações perante os outros, além disso estão relacionados com o caráter do indivíduo e que estão internalizado nos sujeitos. Com base nas respostas dos participantes, notamos incorreções sobre os conceitos de Ética e Moral, às vezes usados como sinônimos, em outras como concepções complementares, quase que exclusivamente no senso comum.

Ética é a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão sobre as noções e princípios que fundamentam a vida moral. É a ciência da conduta, para o qual o homem deve ser orientado e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem. (ABBAGNANO, 2007, p.380)

Moral é o conjunto de regras de condutas assumidas livre e conscientemente pelos indivíduos, com a finalidade de organizar as relações interpessoais (ARANHA, 2005). É o conjunto dos meus deveres, dos imperativos que reconheço como legítimos, mesmo que às vezes, como muitos, eu os viole. É a lei que imponho a mim mesmo, ou que deveria me impor, é “o que devo fazer?” e não, “o que os outros devem fazer” (COMTE-SPONVILLE, 2005, p. 20).

Os Orientadores Educacionais reconheceram os equívocos nos conceitos de Ética e Moral que eles apresentaram, justificando que nos próprios estudos de graduação ou pós-graduação realizados, esses enunciados não foram bem elucidados, e em algumas declarações nem mesmo foram estudados. Numa das alocações, a participante reflete:

“A gente foi captando de maneira errada entendeu. Porque muitas vezes colocasse a Ética como Moral. Então é uma coisa confusa mesmo. Eu não acho que é uma coisa simples. E não é simples porque não fica muito claro” (03/07/2019 OE5).

O fim do primeiro encontro com os Orientadores Educacionais foi bastante produtivo. Os participantes tiveram, de modo geral, uma participação efetiva, com discussões importantes sobre os tópicos abordados. As falas, as escritas e as reflexões despertaram mais indagações, principalmente sobre a quantidade das demandas ético/morais existentes e sobre as dúvidas conceituais de Ética e Moral, tudo isso foi muito valioso para o processo de construção de conhecimento.

2° Encontro
10/07/2019
Valores e Virtudes Morais

O segundo encontro com o grupo de Orientadores Educacionais começou bastante descontraído. Após todos estarem devidamente acomodados, perguntei aos participantes se eles tinham refletido mais sobre o encontro anterior, alguns depoimentos foram tão interessantes, que comentarei nas considerações finais. Em seguida, partimos para a apresentação dos tópicos. Começando com um slide que continha a seguinte pergunta: **“O que são Valores Morais?”**. Foi concedido um tempo para que o grupo refletisse.

Nas exposições sobre o que são Valores Morais, as diferentes interpretações dos orientadores estavam sustentadas sobre as ideias de que cada indivíduo tem seus próprios valores morais que acreditam importantes, herdados no ambiente familiar, transferidos durante o cotidiano. Tais valores são tidos como positivos e verdadeiros, e servem para viver em sociedade. Em outros trechos das falas, sustentou-se que valores morais são princípios seguidos dentro de crenças particulares, condutas que norteiam a vida, ações tomadas para uma vida melhor, ou atitudes melhores.

O termo Valor pode ser usado em vários sentidos, entre eles, o econômico, de utilidade, estético, religioso, moral, entre outros. Etimologicamente, Valor tem a raiz latina “valere”, e significa “vigoroso”, “eficaz”, “forte”, e representa uma vivência fundamentalmente humana na tomada de decisão de nossas vidas. Elaborar planos sobre o que desejamos ou não, nada mais é do que pensar em Valores já que esses irão orientar nossas ações práticas. Os valores existem na relação entre o sujeito que valora e o objeto que é valorado. É preciso reconhecer que os valores podem ser diferentes entre as pessoas ou semelhantes em culturas, por isso, não há “valor em si”, mas “valor para alguém”. Assim, de maneira geral, a filosofia define Valor como as referências ou de escolha, ou ainda, desejável (ARANHA, 2005).

É importante entender que escolhas morais que fazemos supõem preferências, do mais valioso ao menos valioso moralmente. Portanto, o comportamento moral é um fato humano de conteúdo axiológico (de *axios*, em grego, valor). Desse modo, avaliar condutas boas e positivas do ponto de vista moral consiste também no fato de que elas podem ser negativas, dignas de condenação ou desaprovação (VÁSQUEZ, 2017). Considerando o surgimento dos valores é preciso ter em mente que eles resultam das relações entre pessoas e delas com o mundo que as cerca. Em parte eles são obtidos da cultura, da comunidade a que pertencem. Disso, decorre a pluralidade de costumes entre povos, os quais podem não só variar no tempo e na época, como serem compartilhados. O filósofo Nicola Abbagnano interpreta Valor:

A melhor definição de Valor é a que o considera como possibilidade de escolha, isto é, como uma disciplina inteligente das escolhas, que pode conduzir a eliminar algumas delas ou a declará-las irracionais ou nocivas, e pode conduzir (e conduz) a privilegiar outras, ditando a sua repetição sempre que determinadas condições se verificarem. (ABBAGNANO, 2007, p. 989)

Na sequência, das Sessões Reflexivas, foi exibido outro slide com a pergunta “O que são Virtudes Morais?”. Mais uma vez foi dado um tempo para reflexão individual, para escrita e posterior oportunidade de exposição oral sobre a questão. Diferentemente da reflexão sobre Valores Morais, foi percebida uma maior apreensão neste item. Semblantes de dúvida e alguns pedidos de tempo maior para reflexão davam a sensação de insegurança por parte dos participantes.

Na obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles pondera sobre o caráter perguntando, “O que é o bem do homem?”, e responde, “Uma atividade da alma em conformidade com a Virtude”. O filósofo destaca algumas delas como coragem, generosidade, sinceridade e autocontrole. Perguntar-se sobre quais características fazem de alguém uma pessoa boa era habitual para os pensadores antigos, e a resposta para tal pergunta era as Virtudes Morais. No século XX, muitos pensadores começaram a afirmar que filosofia moral estava em declínio, e que uma boa proposta seria retomar o pensamento ético de Aristóteles. A filósofa britânica Gertrude Elizabeth Anscombe em seu texto de 1958, “Modern Moral Philosophy”, preconiza que não deveríamos pensar sobre obrigação, dever, correção, mas retornar a uma abordagem aristotélica, em especial as Virtudes Morais. Mas o que são as Virtudes Morais? A Virtude para Aristóteles é um traço de caráter, que se exhibe pelo hábito. Mas um vício também pode ser um traço de caráter, o que os diferencia? Virtudes Morais são boas, e os vícios não. Uma Virtude Moral é um traço de caráter elogiável (RACHELS; RACHELS, 2013)

Uma pessoa virtuosa pode ser confundida apenas com uma pessoa amável, ou de confiança, mas isso é inapropriado. Ser virtuoso não é ser servil, ou frágil, mas deve remeter aos significados em latim, *Virtus*, “capacidade”, ou em grego, *Areté*, “excelência”. Um indivíduo virtuoso está disposto ao bem, assumindo a magnificência, envolvendo a repetição e a continuidade do agir moral, e não apenas a um ato moral isolado, mas como resultado de um hábito conforme afirmava Aristóteles (ARANHA, 2005). Por que as Virtudes Morais são boas? Por diferentes razões, Aristóteles oferece uma resposta geral: a pessoa virtuosa terá uma vida melhor. Somos seres sociais, buscando a companhia dos outros, e viveremos melhor em grupos (família, amigos e concidadãos) se as Virtudes Morais como lealdade, justiça, honestidade e outras, estiverem presentes nas nossas relações interpessoais. No ponto de vista de Aristóteles, certas Virtudes Morais serão

necessárias para todas as pessoas em todos os tempos, já que temos muito em comum, apesar das diferenças (RACHELS; RACHELS, 2013).

Os Orientadores Educacionais em suas reflexões sobre as Virtudes Morais expuseram que elas são um conjunto de qualidades que uma pessoa possui em relação a outra, valores na prática, reflexões sobre as atitudes visando o melhor e buscando seguir condutas adequadas, sendo aspectos positivos, potencialidades e boa conduta. A inquietação do grupo também passa pelo desejo de saber como a escola pode ajudar na formação de crianças mais virtuosas e quais são as Virtudes Morais essenciais. Os orientadores explanaram que não há receitas prontas para o agir bem, porque essa busca pela excelência moral deve estar dentro de um estado de alerta permanente, já que não temos o costume de pensar sobre nossos Valores Morais e de como eles estão enraizados em nós. No fim da reunião apareceu uma pergunta de um participante: para a solução ou redução dos problemas morais existentes, basta uma mudança no indivíduo ou se faz necessária uma reformulação também na sociedade? Ao fim desta parte do segundo encontro, foi solicitado aos Orientadores Educacionais que eles escolhessem as Virtudes Morais que eles consideravam como as mais importantes para o ambiente escolar.

Figura 2 – As Virtudes Morais escolhidas segundo os participantes.

▪ EMPATIA	▪ RESPONSABILIDADE
▪ RESILIÊNCIA	▪ HUMILDADE
▪ PACIÊNCIA	▪ SINCERIDADE
▪ RESPEITO	▪ JUSTIÇA
▪ DIÁLOGO	▪ CORAGEM
▪ COOPERAÇÃO	▪ TOLERÂNCIA
▪ SOLIDARIEDADE	▪ GENTILEZA
▪ HONESTIDADE	▪ BONDADE

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dessas Virtudes Morais selecionadas, três foram escolhidas pelos participantes para a elaboração das atividades nas reuniões seguintes: Empatia, Justiça e Diálogo.

3° Encontro
07/08/2019
Empatia

Na terceira Sessão Reflexiva feita com os Orientadores Educacionais, foi explicado novamente que a partir das três Virtudes Morais escolhidas por eles, cada uma delas seria o tema dos demais encontros, iniciando por Empatia.

Figura 3 – Demandas ético/morais nas escolas.

▪ EMPATIA	▪ RESPONSABILIDADE
▪ RESILIÊNCIA	▪ HUMILDADE
▪ PACIÊNCIA	▪ SINCERIDADE
▪ RESPEITO	▪ JUSTIÇA
▪ DIÁLOGO	▪ CORAGEM
▪ COOPERAÇÃO	▪ TOLERÂNCIA
▪ SOLIDARIEDADE	▪ GENTILEZA
▪ HONESTIDADE	▪ BONDADE

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Como nas reuniões anteriores, além da exposição de um slide com a seguinte pergunta: “**O que é Empatia?**”, foi fornecido um tempo para que os orientadores pensassem sobre a pergunta e exteriorizassem as respostas.

O uso corriqueiro do conceito de Empatia encontra-se principalmente na psicologia. Mas não é uma tarefa simples encontrar uma única definição que atenda às diversas abordagens possíveis como as advindas da psicologia, antropologia, sociologia, ética e outras. A Empatia tem como uma das funções a conservação das relações interpessoais a partir da compreensão e expressão dos sentimentos, sendo tanto uma habilidade social como também um comportamento moral. Almir Del Prette e Zilda Del Prette (2013), afirmam que Empatia é uma capacidade de perceber sentimentos dos outros e expressar essa compreensão. Na filosofia, David Hume (1711-1776), alegava que indivíduos podem experimentar os mesmos sentimentos de outra pessoa, imaginando ser esta pessoa numa determinada situação. Nos estudos realizados da psicóloga Eliane Oliveira Falcone (1998), em programas de treinamento da Empatia, ela demonstra que esta possui três

componentes: o cognitivo (compreensão sobre os sentimentos e perspectiva dos outros), o afetivo (sentimentos de compaixão, simpatia e preocupação de bem-estar) e o comportamental (a demonstração da Empatia), e que esses três segmentos devem operar juntos. Falcone também declara que a importância da Empatia está na possibilidade de ela auxiliar na manutenção dos relacionamentos interpessoais e na diminuição de queixas emocionais de familiares, amigos e colegas. A importância da Empatia também está associada à autoestima, na facilidade da comunicação entre as pessoas, no fortalecimento de vínculos sociais, e que na ausência de Empatia pode propiciar comportamentos antissociais e violentos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

Os Orientadores Educacionais em suas exposições relataram que Empatia é a capacidade de saber se colocar no lugar do outro, a fim de perceber o outro como sujeito em prol do coletivo. De modo geral, os participantes conheciam mais este tema do que os anteriores. As definições continham algumas imprecisões mas nada que destoasse do real significado da Empatia, conforme Nicola Abbagnano:

União ou Fusão emotiva com outros seres ou objetos (considerados animados). A reprodução das manifestações corpóreas alheias (devida ao instinto de imitação) reproduziria em nós mesmos as emoções que costumam acompanhá-las, colocando-nos assim no estado emotivo da pessoa a quem essas manifestações pertencem. É justamente essa projeção em outro ser de um estado emotivo despertado em nós pela reprodução imitativa da expressão corpórea dos outros. (ABBAGNANO, 2007, p. 325)

Foi solicitado aos Orientadores Educacionais que formassem pequenos grupos (trios ou quartetos, preferencialmente) e logo em seguida apresentado um slide com uma pergunta e uma solicitação:

- **“O que se pretende desenvolver nos alunos a partir da Empatia?**
- **“Descrevam uma proposta de atividade voltada para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental utilizando a virtude Empatia”.**

Sobre a pergunta do que se pretende desenvolver nos alunos a partir de atividades de Empatia, os discursos enfatizaram que a Empatia poderia ajudar a aumentar a colaboração e integração entre as crianças, expandir vínculos, criar ambientes de solidariedade e respeito. Como profissionais de educação em contato diário com crianças nas escolas, a apreensão e as expectativas dos orientadores

são legítimas no que concerne à qualidade das relações entre elas. E essa qualidade pode resultar de exercícios para o desenvolvimento da Empatia nas escolas e incluir ações que estimulem o prestar atenção, ouvir o outro, demonstrar interesse e preocupação, reconhecer situações, oferecer ajuda e expressar respeito (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). As atividades apresentadas propunham jogos em grupos, contação de histórias, assembleias de classe, atividades com “música-dança-para” com número ímpar de crianças, entre outras (APENDICE 8). Condutas simples do cotidiano como cumprimentar as pessoas na entrada da escola e na sala de aula, perguntar sobre os estado emocional (tristeza, alegria, por exemplo) das outras pessoas, ouvir com atenção o que o outro diz e suas expressões, não apareceram nas narrativas.

Novamente, Almir Del Prette e Zilda Del Prette (2013), sugerem que encorajar a criança a experimentar tipos e intensidades diferentes de emoções, e seus respectivos sentimentos, oportuniza o desenvolvimento da Empatia, desde que isso seja sempre feito com a devida monitoria dos professores ou outros profissionais da gestão escolar, utilizando filmes, teatro, livros, atividades com música, plantas e animais. Vivências que facilitam o conhecimento de que pessoas são essencialmente diferentes, podem ajudar a criança a melhorar a aceitação de si e do outro, aumentar a tolerância, a autoestima e a autoimagem. Uma prática de nomear os sentimentos e relacioná-los com um acontecimento específico, através de desenhos, em que um grupo de crianças verifica a concordância ou discordância dessas relações nas ilustrações, enfatizando a importância das expressões faciais, pode ser um exemplo de atividade para o desenvolvimento da Empatia.

Na parte das atividades, os participantes debateram muito, às vezes de maneira entusiasmada. Alguns grupos tinham dificuldades para detalhar a proposta, e parte deles não gerenciou bem o tempo dado para preparar a atividade. A dificuldade que todos os grupos tiveram para elaborar um exemplo de atividade para crianças chamou bastante a atenção, pelo fato de em sua maioria apenas ideias vagas, pouco específicas, imprecisas e com pouca profundidade. A produção de atividades para crianças nas escolas demanda criatividade e um conhecimento claro do conteúdo, do contrário pode não alcançar os objetivos pretendidos e se tornarem apenas intervenções superficiais.

4° Encontro
15/08/2019
Justiça

Na quarta Sessão Reflexiva feita com os Orientadores Educacionais, foi mostrado um slide com outra Virtude Moral escolhida por eles, a Justiça.

Figura 4 – Demandas ético/morais nas escolas.

▪ EMPATIA	▪ RESPONSABILIDADE
▪ RESILIÊNCIA	▪ HUMILDADE
▪ PACIÊNCIA	▪ SINCERIDADE
▪ RESPEITO	▪ JUSTIÇA
▪ DIÁLOGO	▪ CORAGEM
▪ COOPERAÇÃO	▪ TOLERÂNCIA
▪ SOLIDARIEDADE	▪ GENTILEZA
▪ HONESTIDADE	▪ BONDADE

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

No primeiro slide exibido nesta reunião, estava a pergunta: “**O que é Justiça?**”. Outra vez foi dado um tempo para que os orientadores refletissem e mostrassem suas conclusões.

A Justiça é uma virtude tão importante, que está na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948, pela Assembleia Geral das Nações Unidas:

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948, p. 3)

Dentre as Virtudes Morais, a Justiça pode ser considerada a mais importante de todas as Virtudes, considerada como uma das qualidades mais admiradas e almeçadas, e também porque nos remete a um valor de igualdade e equidade, e vai além do sentido de legalidade. Justiça não é apenas uma otimização do bem-estar coletivo, porque poderíamos ser justos, para a felicidade de quase todos, sacrificar alguns, mesmo que estes fossem inocentes ou indefesos. Por isso, a Justiça deve

ter dois sentidos, tanto a conformidade ao direito e quanto a igualdade e proporção (COMTE-SPONVILLE, 1999). É necessário que leis e Justiça caminhem no mesmo sentido, e é nisso que se espera de cada cidadão se empenhe.

Gomide (2001), afirma que o comportamento moral é uma modelagem de papéis, feita a partir das interações humanas no que diz respeito a normas e valores, transmitidos por meio parental. Pais que explicitam seus entendimentos sobre Justiça e mostram esses comportamentos justos, estão estimulando essa prática aos seus filhos. O biólogo e psicólogo Jean Piaget, em seus estudos sobre a psicologia do desenvolvimento, declara que as crianças mudam de fases sobre o entendimento do conceito de Justiça, começando pela moral da autoridade, da obediência, depois com um entendimento sobre igualdade sobre a autoridade, e posteriormente para a autônoma, com o senso de preocupação com a equidade e de direitos. Se prevalecerem as relações de coerção unilaterais, a moral predominante será a da obediência, caso contrário. No entanto, se as relações forem de cooperação, de equidade, a moral mais possível será a autônoma. A família pode criar um equilíbrio, se determinarem as obrigações e simultaneamente forem fontes de Virtudes Morais. Se a Virtude Moral é uma disposição para praticar o bem, a Justiça é uma disposição para praticar o bem dando a cada indivíduo o que lhe é de direito, com o propósito de proporcionar a igualdade, ofertando a todos as mesmas possibilidades de acesso na sociedade.

Os orientadores exteriorizaram que Justiça é tratar as pessoas de maneira igual, compreendendo o ponto de vista de cada um, agindo de modo a não prejudicar o outro e cumprindo regras, leis e normas. A observação feita foi de que a Justiça depende de um ponto de vista individual, já que o que é justo para alguns, pode não ser para outros.

“A Justiça depende do ponto de vista de cada um. Nem tudo o que justo pra mim é justo pro outro. Sempre que ocorre conflito entre dois indivíduos, temos que saber ouvir. Escutar as versões e fazer com que eles entendam se estão certos ou errados. Entrar num comum acordo. Quando a gente ouve o outro a gente se torna justo, e não toma partido de ninguém” (15/08/2019 OE7).

No Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007), Justiça é definido:

Em geral, a ordem das relações humanas ou a conduta de quem se ajusta a essa ordem. Podem-se distinguir dois significados principais: 1) como conformidade da conduta a uma norma; 2) como eficiência

de uma norma (ou de um sistema de normas), entendendo-se por eficiência de uma norma certa capacidade de possibilitar as relações entre os homens. No primeiro significado, esse conceito é empregado para julgar o comportamento humano ou a pessoa humana (esta última, com base em seu comportamento). No segundo significado, é empregado para julgar as normas que regulam o próprio comportamento. (ABBAGNANO, 2007, p. 593)

Todas as instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, possuem suas regras estabelecidas e normas a serem seguidas, tanto pelos estudantes como pelos funcionários. Sobre a ideia de Justiça no ambiente escolar, os participantes apoiaram-se quase que exclusivamente na concepção de ouvir os indivíduos, numa situação de conflito por exemplo, mas não fizeram referência à importância das regras que as escolas possuem e que podem servir de alicerce para uma melhor compreensão sobre uma determinada situação. Provavelmente eles conhecem bem as regras, mas torna-se notável o fato de eles não as citar.

Na segunda parte, foi mais uma vez pedido aos Orientadores Educacionais que formassem pequenos grupos para refletir sobre o slide apresentado com uma pergunta e uma solicitação:

- **“Por que a Justiça é importante no ambiente escolar?”**
- **“Descrevam uma proposta de atividade voltada para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental utilizando a virtude Empatia”.**

Na percepção dos orientadores, a Justiça e o agir justo são imprescindíveis no ambiente escolar. As relações entre as pessoas deve ser igualitária, respeitando o ponto de vista de cada um, oportunizando momentos de reflexão para a avaliação das condutas e se colocando no lugar do outro. Um dos orientadores afirmou que toda a análise sobre algum comportamento moral que tange à Justiça deve ser tratada de maneira mais racional possível, não podendo ser emotiva. No entanto, nas reflexões não despontaram tópicos mais específicos da Justiça, como igualdade, desigualdade e como promover a equidade para as pessoas. No item das atividades que poderiam ser feitas nas escolas, foram sugeridas de maneira geral por vários participantes as rodas de conversa para abordar assuntos polêmicos, a produção de cartazes com desenhos ou escritas que abordassem posturas desejadas dos alunos, brincadeiras lúdicas utilizando competições entre alunos com objetivo de mostrar julgamentos justos e injustos (APENDICE 9). Foi notado que os orientadores sempre sugeriram atividades para crianças que não pareciam estar nos

anos iniciais do Ensino Fundamental, que já possuíam a habilidade de reflexão ou de compleição física mais robusta. Salientamos que há apenas um Orientador Educacional por escola na rede municipal de ensino de São Caetano do Sul. Assim, esse profissional atende a centenas de alunos de diversas idades durante seu período de trabalho.

Na finalização do encontro, os participantes estavam se posicionando em relação às limitações das práticas apresentadas por eles, da carência de projetos feitos nas escolas que incentivassem o pensamento da Justiça e do agir justo. A preocupação com o corpo docente: qual anuência por parte dos professores nas atividades propostas? Seria possível incorporar o tema da Justiça dentro das disciplinas escolares? Em nosso entendimento, esses profissionais estavam mais cogitativos que nos encontros anteriores, no que se refere às possibilidades de eles ajudarem a promover o desenvolvimento das Virtudes Morais e a incompatibilidade com as reais incumbências que eles fazem no dia a dia, quase que unicamente resolução de conflitos.

5° Encontro
22/08/2019
Diálogo

Na quinta Sessão Reflexiva realizada com os Orientadores Educacionais, foi exibido um slide com a última Virtude Moral escolhida Diálogo.

Figura 5 – Demandas ético/morais nas escolas.

▪ EMPATIA	▪ RESPONSABILIDADE
▪ RESILIÊNCIA	▪ HUMILDADE
▪ PACIÊNCIA	▪ SINCERIDADE
▪ RESPEITO	▪ JUSTIÇA
▪ DIÁLOGO	▪ CORAGEM
▪ COOPERAÇÃO	▪ TOLERÂNCIA
▪ SOLIDARIEDADE	▪ GENTILEZA
▪ HONESTIDADE	▪ BONDADE

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

E em seguida, o slide com a seguinte pergunta: “**O que é Diálogo?**”. Do mesmo modo que nos encontros anteriores, foi reservado um tempo para que os orientadores refletissem sobre o tema. O Diálogo foi um tema que apareceu com frequência nos encontros anteriores. Resolução de conflitos, por exemplo, é uma questão costumeira no cotidiano dos orientadores, que necessita de uma habilidade de diálogo entre duas ou mais partes para uma solução pacífica da divergência ou do enfrentamento.

A vida social exige diálogos constantemente. Conviver com outras pessoas é estar sempre se posicionando a partir da linguagem, fazendo-se compreender, visando a construção de soluções para conflitos e projetos comuns. Aristóteles em sua obra *Política*, afirma que o homem é o único animal político, ou seja, social, porque é dotado de linguagem, razão pela qual é capaz de exprimir o bom, o mau, o justo e o injusto. Na obra *Fedro*, Platão, diz que a linguagem é um *pharmakon*, palavra em grego, que denota três sentidos diferentes: medicamento, veneno e cosmético. No Diálogo, descobrimos nossa ignorância e aprendemos com os outros, visto como medicamento, ou veneno, quando nos deixamos fascinar pelas palavras sem o devido cuidado de saber se são verdadeiras ou falsas, ou ainda, como cosmético, usado para dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras (CHAUÍ, 2000).

Na convivência escolar, participando de grupos, realizando trabalhos, a vida em sala de aula tem o Diálogo como instrumento básico (GARCIA; PUIG, 2010). Os professores e alunos devem desenvolver a escuta, a oratória clara, o reconhecimento de argumentos e possuir um bom senso democrático para melhorar o debate e a confrontação. Assim, facilitar o Diálogo é discutir coletivamente questões simples e outras mais problemáticas com o objetivo final de encontrar coletivamente o melhor entendimento. Segundo Garcia e Puig (2010), o Diálogo também tem uma função moral, visto que, ele pode ser valorizado como instrumento ideal para situações de controvérsia moral, tornando-se uma intermediação didática. É função dos profissionais da escola também serem moderadores do Diálogo e terem a sensibilidade necessária para utilizar as situações comuns do ambiente escolar como exercício para a boa comunicação. Mas isso será somente alcançado se houver uma disposição construtiva, com empenho, sem prepotência, autoritarismo, coerção ou agressão, compreendendo corretamente a colocação dos

demais. Dialogar é uma ação do pensamento que cria juízos e compreensão, uma complementando a outra, reforçando a reflexão e com respeito aos contextos.

Nas exposições, o Dialogo foi definido como uma forma de se comunicar e entender, uma troca de ideias com respeito, colocando-se no lugar do outro, em especial no ponto de vista. A qualidade da oratória, os aspectos socioculturais, psicológicos (emocionais, afetivos, perceptivos e outros) e linguísticos não foram citados.

“Diálogo é falar de maneira clara e ouvir como escuta ativa. Tem gente que tá conversando, mas na verdade ela só quer falar e não ouvir o outro” (22/08/2019 OE4).

O orientador perpassa um aspecto importante no Diálogo, reforçado aqui pelo filósofo Nicola Abbagnano (2007):

Para grande parte do pensamento antigo até Aristóteles, o Diálogo não é somente uma das formas pelas quais se pode exprimir o discurso filosófico, mas a sua forma típica e privilegiada, isso porque não se trata de discurso feito pelo filósofo para si mesmo, que o isole em si mesmo, mas de uma conversa, uma discussão, um perguntar e responder entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca. (ABBAGNANO, 2007, p. 274)

Posteriormente os Orientadores Educacionais formaram grupos (duplas ou trios) e foi exibido o último slide com uma pergunta e uma solicitação:

- **“Por que o Diálogo é importante no ambiente escolar?”**
- **“Descrevam uma proposta de atividade voltada para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental utilizando a virtude Diálogo”**

As respostas afirmaram resumidamente que a importância do Diálogo ocorre principalmente na resolução de conflitos, para soluções de dilemas e para o exercício da argumentação. Nas propostas pensadas pelos participantes, de forma geral novamente, eles sugeriram apresentar uma notícia polêmica e abrir um debate em sala de aula, oferecendo um tempo para as duplas formadas por alunos opinarem sobre a notícia. Outra atividade recomendada é escolher um objeto significativo para a turma de alunos, depois interpelar um tema para discussão, cabendo apenas ao participante que estiver com o objeto em mãos comentar,

enquanto os demais alunos somente ouvem. O uso de encenação de um Cinema Mudo de um grupo de alunos, enquanto outro grupo assiste e produz uma legenda adequada à cena retratada seguido de comparação (APENDICE 10).

O Diálogo necessita da linguagem para se fazer eficaz, mas esta não é meramente psicomotora, tampouco uma relação binária entre pessoas, mas formam ideias e valores, são experiências de seres que vivem no mundo, que criam, interpretam, decifram e produzem sentido, seja mítica ou lógica, mágica ou racional, simbólica ou conceitualmente (CHAUÍ, 2000). As práticas do bom diálogo convidam o sujeito a se apropriar de valores implícitos nesse procedimento, comprometendo-se com a busca pelo benefício coletivo, colaborando para formar cidadãos responsáveis e comprometidos. Assim, quando posto diante de um dilema moral, mais do que opinar, espera-se que o indivíduo guie-se por critérios de consciência escolhidos livremente, a qual é resultante de um processo de reflexão interna, disposta a agir correta e construtivamente num mundo com diversidade cultural (GARCIA; PUIG, 2010).

O último encontro dos Orientadores Educacionais transcorreu num clima muito agradável e proveitoso. Os pronunciamentos, as argumentações, as interpelações estavam maiores que nos encontros anteriores. Constatamos que o grupo participante já estava bem mais integrado com o tema das Virtudes Morais, mas que também havia uma preocupação quanto à capacidade de eles produzirem atividades por conta própria nas escolas onde atuam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta produção buscou expor a importância da Educação Ética, em especial o desenvolvimento das Virtudes Morais nas escolas, revelando o valor do tema em benefício da qualidade social da educação, a partir de autores que debatem o tema, das iniciativas e também das dificuldades para a efetivação desse tema nas instituições escolares. Com o auxílio das Sessões Reflexivas da Pesquisa Colaborativa foi possível vislumbrar algumas respostas às nossas perguntas iniciais e conceber alguns possíveis cenários para a elaboração de uma proposta para a rede municipal de ensino de São Caetano do Sul.

O intuito geral desta pesquisa foi contribuir com a equipe gestora das escolas, especialmente com os Orientadores Educacionais, originando os objetivos específicos: 1) identificar as demandas éticas nas escolas com o auxílio dos Orientadores Educacionais; 2) promover reflexões sobre as Virtudes Morais e criar atividades voltadas para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental; 3) formular uma proposta de formação em Educação Ética, por intermédio das Virtudes Morais.

Constatamos que com as Sessões Reflexivas foi possível perceber o quanto os Orientadores Educacionais conheciam os temas centrais da pesquisa: Ética, Moral, Valores Morais e Virtudes Morais, além de observar a capacidade deles de criar e executar atividades para as crianças. Sem demora, percebemos equívocos conceituais sobre Ética e Moral, usados quase que na totalidade como sinônimos. Dois relatos interessantes valem a pena destacar:

“Quando cheguei em casa, na hora do almoço, sentei eu e meu marido, e aí eu falei pra ele, ‘O que Ética e Moral pra você?’ Ele olhou pra mim e disse, ‘Moral, pra mim, ter Moral eu tenho que ser um exemplo’, aí eu disse assim, ‘É isso que você pensa de Moral? E a Ética?’, ele disse, ‘Se eu for no médico e ele fumar, que Moral ele tem! Que Moral ele tem pra falar que faz mal fumar se ele fuma! Que exemplo ele é pra mim, então ele não tem Moral alguma!’ Aí eu disse, ‘E a Ética onde entra a Ética aqui nessa história?’, ele respondeu, ‘Ah Ética ou a gente tem ou não tem.’ Me explica, continuei, aí ele tento explicar e se enrolou todo.” (10/07/2019 OE6).

A narrativa desta participante sobre a questão da Ética:

“Cheguei na minha escola com todo aquele frescor, pensando num monte de coisas, e aí a coordenadora da minha escola estava muito zangada porque ela tinha uma carta de uma mãe que queria detalhes de uma nota de Ética que uma professora deu e que ela não achava justa a nota. A mãe não gostou da nota, dizendo que essa nota não tinha respaldo, que não dizia nada. A coordenadora muito brava porque essa nota é muito vaga, muito aberta. Aí eu fui conversar com ela sobre Ética. Nós duas ficamos debatendo sobre isso. Porque ela dizia assim, ‘Você quer mudar uma coisa que já tá? Os professores já fazem assim!’, aí levantamos esse tema no HTPC, nossa, foi uma briga. Porque todos diziam que sabem o que é Ética, cada um tem a sua Ética na nota. Porque cada um tem uma maneira de fazer a nota de Ética na escola” (10/07/2019 OE5).

A orientadora OE5, na fala apresentada, refere-se a uma Nota de Ética concedida pelos professores aos alunos do Ensino Fundamental da rede municipal de São Caetano do Sul. De acordo com o grupo de orientadores, essa Nota de Ética está vinculada a requisitos como assiduidade, comprometimento nas aulas, postura,

material escolar em ordem, e outros. Isso posto, a Nota de Ética está mais relacionada com as questões de disciplina (acatamento, cumprimento e aplicação) do que ao conceito de Ética. Essa distância entre o que é Ética e o entendimento do que é uma Nota de Ética, gerou dúvidas e debates sobre a real eficácia desse tipo de avaliação nas escolas.

Com referência aos conceitos de Valores Morais e Virtudes Morais, as reflexões não estavam tão dissonantes. Em boa parte das reflexões, o uso de Valores Morais foi utilizado no mesmo sentido que Senso Moral, que se manifesta nas decisões morais que precisamos tomar constantemente. Porém, essas decisões também exigem a Consciência Moral, que irá nos ajudar a decidir o que fazer e também justificar para nós mesmos as razões de nossas decisões, assumindo as consequências, porque somos responsáveis por nossas ações (CHAUÍ, 2000). O conceito de Virtude Moral foi, quase que em sua totalidade, utilizado como expressão no sentido aproximado de Valor Moral. Em alguns discursos, os integrantes contaram não se sentirem confortáveis usando o termo Virtudes no cotidiano por acreditarem que ele tinha um perspectiva religiosa. A filósofa Marilena Chauí (2000), afirma que se tomarmos a Ética a Nicômaco de Aristóteles, nela encontraremos a síntese das Virtudes que constituíam a excelência ética e a moralidade grega durante a *polis* autônoma, mas quando examinamos as Virtudes definidas pelo Cristianismo, descobriremos que elas se tornaram mais relevantes na história. Assim, não surpreende essa percepção com viés religioso.

Na parte da criação das atividades, os participantes tiveram dificuldades para detalhar as propostas, e alguns grupos não gerenciaram bem o tempo dado a eles. As dificuldades que os grupos tiveram para elaborar exemplos de atividades para crianças chamou bastante a atenção, pelo fato de em sua maioria serem ideias pouco específicas, imprecisas e com pouca profundidade. A produção de boas atividades para crianças nas escolas demanda engenhosidade, imaginação, inventividade, e um conhecimento claro do conteúdo, do contrário pode não alcançar os objetivos e se tornarem apenas práticas superficiais. Diferente de outros momentos escolares, as atividades devem ser usadas para falar de assuntos que propiciam expressão de opiniões diversas, que despertem o interesse, e que cada indivíduo construa opiniões próprias com base no debate com iguais e com os professores. A diversidade de assuntos favorece a cada criança uma elaboração mais complexa e completa dos próprios pontos de vista (ARAÚJO; PUIG;

ARANTES, 2007).

O estímulo principal dessa nossa pesquisa foi revelar a importância da Educação Ética nas escolas no sentido de alavancar uma educação que também ajude a melhorar o convívio social, formando indivíduos que entendam a riqueza de uma sociedade mais democrática e virtuosa. A criança que desenvolve suas Virtudes Morais aumenta sua compreensão no mundo, constrói ações conjuntas de respeito, em favor do diálogo e da participação. Além disso torna-se protagonista para os desafios e conflitos contemporâneos que estarão presentes na vida dela. Fomentar o desenvolvimento das Virtudes Morais, a partir da Ética das Virtudes, é se atentar à questão do caráter. Assim como as escolas desenvolvem diversos conhecimentos para as crianças, as Virtudes Morais também podem ser desenvolvidas nas escolas, em proveito de indivíduos que possam vir a ser cada vez mais virtuosos, mais solidários, generosos, justos e atentos ao meio em que vivem. Dessa forma, têm melhores condições de gerar grupos que prezam e nutrem o respeito e uma melhor qualidade de vida para todos. A exposição de uma participante sobre os encontros da nossa pesquisa reflete o clima que permeou toda a pesquisa:

Recorte 1 – Escrita sobre os encontros da pesquisa.

Eu fiquei muito interessada porque tinha em minha cabeça conceitos contraditórios que foram esclarecidos por exemplo ética e os outros também.

Criar uma escola virtuosa é um "sonho" se conseguirmos chegar perto (caminho) já ficamos felizes. Pois estamos realmente fazendo nosso papel ajudando o próximo.

Fonte: Escrita de um participante na última Sessão Reflexiva.

Concluimos estas considerações, satisfeitos e honrados por ter conseguido entrar em contato com o grupo de Orientadores Educacionais da rede municipal de São Caetano do Sul. Profissionais gentis, interessados e entusiasmados com o tema

de Educação Ética. Por meio desta pesquisa, foi possível constatar que: 1) existem muitas demandas éticas que podem ser identificadas nas escolas com o auxílio dos Orientadores Educacionais; 2) foi possível propiciar reflexões sobre as Virtudes Morais e sobre atividades que podem num futuro fazer parte do cotidiano das escolas; 3) há espaço e interesse por parte dos Orientadores Educacionais para uma formação continuada em Virtudes Morais, utilizando mais referências, com mais profundidade e com maior tempo de duração. Esperamos que fundamentada por esta pesquisa, e com as reflexões dos orientadores, as equipes gestoras das escolas vislumbrem a possibilidade de uso das Virtudes Morais como projetos pedagógicos, já que entendemos que a construção moral não é somente uma exigência da sociedade, mas também uma solicitação atual dos sistemas de ensino.

6 PROPOSTA DE FORMAÇÃO COM BASE NAS SESSÕES REFLEXIVAS

A idealização de uma formação continuada em Educação Ética – Virtudes Morais tem como base as solicitações dos Orientadores Educacionais, que entendem como valiosa a continuidade das Sessões Reflexivas não somente como uma oportunidade de continuar a pensar nas necessidades ético/morais das próprias escolas, mas também no desejo de aperfeiçoar a elaboração de atividades em grupo.

Tendo em vista as dúvidas e imprecisões quanto aos conceitos tratados nos encontros e a relevância do tema, somadas às justificativas dos orientadores, acreditamos ser legítimo o pedido deles. No último encontro das Sessões Reflexivas, pedimos que os orientadores presentes respondessem por escrito (APENDICE 3) a seguinte pergunta: **“Você acredita que esta formação promoveu alguma reflexão na sua atuação profissional? Caso sim, em que aspecto(s)?**

Duas respostas seguem:

Recorte 2 – Resposta sobre a reflexão.

Acredito sim que esta formação
 contribuiu para a minha atuação
 profissional.
 Para colocar em prática no meu
 dia a dia os temas apresentados.
 As diferenças entre um palavra e
 outra, como por exemplo: Virtude e
 Talous.
 Já estou pensando em realizar um
 projeto com uma sala que é bem
 indisciplinada sobre virtudes.
 Espero que a formação continue.

Fonte: Escrita de um participante na última Sessão Reflexiva.

Recorte 3 – Resposta sobre a reflexão.

Sim e muito, como comentei
 em cada encontro sua direcionamento
 e encorajada a refletir e atuar
 mais ativamente para uma mudança.
 A forma clara e eficiente
 com que me foi passado os conteúdos,
 me faz sentir que é necessário
 a busca constante do conhecimento.
 Quero agradecer ao Professor
 Luis por me sentir tão estimulada
 e parabenizá-lo por sua competência
 e sua paciência e dedicação com
 todos.
 Espero que tenhamos mais encontros
 como este.
 Cláudia.

Fonte: Escrita de um participante na última Sessão Reflexiva.

Nas exposições feitas, percebemos a importância que esses profissionais deram às reflexões, de como eles já imaginam mudanças e futuras ações, além do

desejo de novos encontros. As rotinas e os protocolos diários dos Orientadores Educacionais talvez não lhes permita e eles estarem atentos às questões ético/morais dos alunos, tampouco auxiliar os professores no desenvolvimento de atividades. Por essa razão, acolhemos como benéfico o fato de abrir espaço para trocas de ideias, relatos, argumentações, numa abertura que enriqueça os participantes. Os encontros de uma formação continuada podem gerar mais conhecimento aos orientadores que, juntamente com a equipe gestora e professores, serão capazes de desenvolver mais ações de Educação Ética.

Para que haja uma formação continuada de maior qualidade precisamos ter um conhecimento filosófico mais robusto sobre os temas ligados às Virtudes Morais, apoiando-nos em mais autores e mais reflexões. O filósofo Marcos Antônio Lorieri (2015), declara sobre o pensamento filosófico:

Este pensamento reflexivo, crítico, profundo, metódico e abrangente pode ser uma grande ajuda para se intencionar cuidadosamente as ações educativas com vistas a ajudar pessoas, especialmente crianças e jovens, a se tornarem pessoas cada vez melhores porque, além de outras necessárias características, acrescentam esta: a do pensar bem. (LORIELI, 2015, p. 237)

Para novos encontros, os O.E devem estar sempre repensando o que se deseja para o desenvolvimento das Virtudes Morais, afastando-se do senso comum sobre os temas, devem ainda estar sensíveis e observando a qualidade das atividades produzidas e tentar incorporar a Educação Ética no projeto político-pedagógico. Entretanto, para que as propostas desenvolvidas nos encontros sejam efetivas, elas precisam virar práticas, pois somente dessa forma poderão ser incorporadas no cotidiano da escola.

A formação continuada em Educação Ética pode dar ferramentas para que os Orientadores Educacionais ajudem as crianças a florescer como humanos em suas potencialidades e esta é uma perspectiva desta pesquisa. Se uma das tarefas centrais da educação é promover a sua plenitude, também é incluindo o desenvolvimento do ser ético vislumbrando despertar a maior humanidade presente em cada indivíduo. A Educação Ética, entendida como auxiliadora na formação de caráter, caminha juntamente com as outras atribuições da escola, aprender e evoluir. Em tempos de intenso debate ético/moral, lancemos luz e façamos o que pudermos para ajudar a criar uma sociedade mais virtuosa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

ABIB, J. A. D. **Teoria moral de Skinner e desenvolvimento Humano**. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 14, 2001.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Editora Paulus, 1984.

ALLPORT, G. **Personalidade: padrões e desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1973.

AMARAL, D. P. **Ética, moral e civismo: Difícil consenso**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, vol. 37, 2007.

AQUINO, Tomás de. **As virtudes morais**. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2012.

ARANHA, Elvira M. Godinho. **Equipe Gestão Escolar: as significações que as participantes atribuem à sua atividade na escola. Um estudo na perspectiva sócio-histórica**. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.

ARAÚJO, U. F. **Um Conto de Escola: A vergonha como um regulador moral**. São Paulo, Editora Moderna, 2003.

ARAÚJO, U. F. **Respeito e autoridade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Summus, 1999.

ARAÚJO, Ulisses F.; PUIG, Josep. M.; ARANTES, Valéria A. (org). **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Editora Summus, 2007.

ARISTOTLE. **The Nicomachean Ethics**. Trans. J. A. K. Thomson. London: Penguin Books, 1976.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991, (Os Pensadores).

ARONFREED, J. **The nature variety, and social patterning of moral responses to transgression**. Journal of Abnormal and Social Psychology, vol. 23, 1961.

BANDURA, Albert. **Modificações do comportamento**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1979.

BATAGLIA, P. U. R. **Esses adolescentes de hoje... podem discutir e vivenciar dilemas contemporâneos? As contribuições de Lawrence Kohlberg e Georg Lind**. Americana, SP: Editora Adonis, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

BIAGGIO, A. M. B. Lawrence **Kohlberg: Ética e Educação Moral**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

BIAGGIO, A. M. B. **Kohlberg e a Comunidade Justa: promovendo o senso ético e a cidadania na escola**. Porto Alegre: Psicologia Reflexiva Crítica, 1997.

BICUDO, Maria. A. **Fundamentos Éticos da Educação**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.

BOTO, Carlota. **Ética e Educação Clássica: virtude e felicidade no justo meio**. Campinas, SP: Revista Educação e Sociedade, n. 76, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais e Ética**. Brasília: Ministério de Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COLES, Robert. **Inteligência moral das crianças**. Rio de Janeiro: Campus, 1998

COLL, C.; MARCHESI, A. ;PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Vol. 1. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

CORSARIO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011.

CORTINA, Adela; MARTINEZ, Emílio. **Ética**. São Paulo: Editora Loyola, 2013.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAVIDSON, R. J.; BEGLEY, S. **O estilo Emocional do Cérebro: como o funcionamento cerebral afeta sua maneira de pensar, sentir e viver**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Sextante, 2013.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembléia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>> . Acesso em: 23 out. 2019.

DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, Vozes, 2013.

DIAS, A. A. **Educação moral e autonomia a educação infantil: o que pensam os professores**. Porto Alegre: Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, 2005.

EISENBERG, N., FABES, R. A. A., CARLO, G., SPEER L. A., SWITZER, G., KARBON, M.; TROYER, D. **The relations of empathyrelated emotions and maternal practices to children's comforting behavior.** Journal of Experimental Child Psychology, vol. 55, 1993.

EISENBERG, N., FABES, R. A. A., CARLO, G., SPEER L. A., SWITZER, G., KARBON, M.; TROYER, D. **Development of children's prosocial moral judgment.** Developmental Psychology, vol. 15, 1979.

GARCIA, Xus M.; PUIG, Josep M. **As sete competências básicas para educar em valores.** São Paulo: Summus, 2010.

GAZZANIGA, M.S. **The Ethical Brain.** New York: Dana Press, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMIDE, C. I. Paula (Org.). **Comportamento Moral.** Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes. Curitiba: Editora Juruá, 2010.

GREENE, Joshua. **Tribos Morais: A tragédia da moralidade do senso comum.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

HOFFMAN, M. L. **Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction.** Development Psychology, vol. 11, 1975.

HOOFT, Stan Van. **Ética da Virtude.** São Paulo: Editora Vozes, 2013.

IBIAPINA, I. M.; RIBEIRO, M.; FERREIRA, M. S. **Pesquisa em Educação: múltiplos olhares.** Brasília: Editora Liber Livro, 2007.

IBIAPINA, I. M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos.** Brasília: Editora Liber Livro, 2008.

IGLESIAS, F. Desengajamento **Moral. Em Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos.** Albert Bandura, Roberta Azzi e Soely Polidoro e cols. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

JAMES, S.M. **Uma introdução à ética evolutiva**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2015.

JANSSENS, J. M. A. M.; DEKOVIC, M. **Child rearing, prosocial moral reasoning, and prosocial behavior**. International Journal of Behavioral Development, vol. 20, 1997.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e Devagar: Duas formas de pensar**. São Paulo: Editora Objetiva, 2012.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Tradução: Valério Rohden. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2015.

KELLERMAN, Jonathan. **Filhos Selvagens: Reflexões sobre crianças violentas**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002.

KOHLBERG, L. **Ética e educação moral**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

KOLLER, S. H.; BERNARDES, N. M. G. **Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg**. Estudos de Psicologia: vol. 2, 1997.

LA TAILLE, Y. **Para um estudo psicológico das virtudes morais**. Porto Alegre: Educação e Pesquisa, vol. 26, 2000.

LA TAILLE, Y. **A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança**. Porto Alegre: Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 19, 2006.

LA TAILLE, Y. **Moral e Ética: Dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. S. (orgs). **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

LINS, Maria. J. S. C. **Educação e Contemporaneidade: Educação moral na**

encruzilhada. Revista FAEEBA, Universidade Federal da Bahia, v. 8, n.12, p. 97-112, 1999.

LINS, Maria. J. S. C. **Educação moral na perspectiva de Alasdair MacIntyre**. Rio de Janeiro: Editora Acess, 2007.

LINS, Maria. J. S. C.; OLIVEIRA, R.; (Org.). **Ética e educação: Uma abordagem atual**. Curitiba, Editora CRV, 2009.

LINS, Maria. J. S. C. **Maturidade ética e identidade moral: a construção na prática pedagógica**. Curitiba, PR: Revista Diálogo Educacional (PUCPR), vol.9, 2009.

LINS, Maria. J. S. C. **Método de Pesquisa-Ação com maior comprometimento**. Santos, SP: Revista Eletrônica Pesquiseduca, vol. 7, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

LORIERI, Marco Antonio. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

LORIERI, Marco Antonio. **Trabalhar com filosofia na educação: necessidade e possibilidade**. Revista da Faculdade de Educação, UFG, v.32, n.1, jan./jun./2007.

LORIERI, M. A.; SANTOS, R. B. **Criticidade e educação filosófica de crianças e jovens**. Dialogia, São Paulo, n. 22, p. 229-242, jul./dez. 2015.

MACINTYRE, A. **Depois da Virtude**. Trad. Jussara Simões. São Paulo: EDUSC, 2001.

MACINTYRE, A. **Relativismo moral, verdad y justificación**. Granada, Espanha: Las Tareas de la Filosofía. Ensayos Escogidos I, Nuevo Início, 2011.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Ética: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2007.

MENIN, M. S. S. **Valores na Escola**. São Paulo: Educação e Pesquisa, vol. 28, 2002.

MENIN, M. S. S.; BATAGLIA, P. U. R.; ZECHI, J. A. M. (Orgs.). **Projetos Bem-Sucedidos de Educação em Valores**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

NICO, Y. C. **O que é autocontrole, tomada de decisão e solução de problemas na perspectiva de B. F. Skinner**. Santo André: Sobre o Comportamento e Cognição, vol. 7, 2001.

NUCCI, L. **Psicologia Moral e Educação: para além das crianças “boazinhas”**. São Paulo: Educação e Pesquisa, vol. 26, 2000.

NURCO, D.; LERNER, M. **Vulnerability to narcotic addiction: family structure and functioning**. Journal of Drug Issues, vol. 26, 1996.

OLIVEIRA-SOUZA R, MOLL J. **The moral brain: functional MRI correlates of moral judgment in normal adults**. Neurology n. 54, Suppl. 3, 2000.

OLIVEIRA-SOUZA R, MOLL J.; ZAHN, R. **The neuroanatomical basis of moral cognition and emotion: DNA to social cognition**. Wiley Online Library, 2011.

PASCOAL, Miriam; HONORATO, Eliane Costa; ALBUQUERQUE, Fabiana Aparecida de. **O orientador educacional no Brasil**. Educ. rev., Belo Horizonte, n. 47, p. 101-120, jun. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982008000100006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 Nov. 2019.

PETERSON, C., SELIGMAN, M. E. P. **Character strengths and virtues: A handbook and classification**. Washington: American Psychological Association, 2014.

PIAGET, Jean. **O Juízo moral na criança**. São Paulo: Editora Summus, 1994.

PLATÃO. **Diálogos III**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Editora Edipro, 2008.

POWER, C. N. A resposta da UNESCO ao desafio de criar unidade na diversidade. In CAMPBELL, Jack (org.). **Construindo um futuro comum: educando para a integração na diversidade**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

PRUST, L., GOMIDE, P. I. C. **Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes**. Estudos de Psicologia, vol. 24, 2007.

PRUST, L., GOMIDE, P. I. C. **Práticas Morais: uma abordagem sociocultural da Educação Moral**. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

RACHELS, James; RACHELS, Stuart. **Os elementos da filosofia moral**. Porto Alegre: AMGH, 2013.

ROJAS, Enrique. **O Homem Moderno**. São Paulo: Editora Mandarim, 1996.

ROSS, D. **Aristóteles**. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1987.

RUSE, M. **The Cambridge Handbook of Evolutionary Ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

SERRANO, G. P. **Educação em valores: como educar para a democracia**. 2. ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

SPITZ, R. A. **A formação do ego: uma teoria genética e de campo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1979.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino (org.). **Virtudes e educação: o desafio da modernidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

THOMSON, J. A. K. **The Ethics of Aristotle**. Londres: Penguin Books, 1965.

VÁSQUEZ, S. Adolfo. **Ética**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. Psicologia e Pedagogia I: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Lisboa, Portugal: Estampa, 1991.

WALL, F. **Eu primata: Porque somos como somos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

WALL, F. **A era da empatia**: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Epopeia do Livro, 1971.

ZEICHNER, Kenneth M. **Uma análise crítica sobre a “ reflexão” como conceito estruturante na formação docente**. Educ. Soc. Campinas, 2008.

APÊNDICE 1 - Pesquisa sobre o perfil dos Orientadores Educacionais

**Perfil dos(as) Orientadores Educacionais das
escolas municipais do município de São Caetano do Sul**

1) Sexo: _____

2) Idade: _____

3) Formação acadêmica (graduação e pós-graduação):

4) Já atuou como professor(a) em sala de aula? Caso sim, durante quanto tempo?

5) Há quanto tempo possui vínculo na prefeitura de São Caetano do Sul?

6) Há quanto tempo está na função de Orientador(a) Educacional?

APÊNDICE 2 – Pauta das Sessões Reflexivas com os OE.



**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL**

PROJETO: UMA PROPOSTA COLABORATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS VIRTUDES MORAIS NAS ESCOLAS: REFLEXÕES COM OS ORIENTADORES EDUCACIONAIS DE SÃO CAETANO DO SUL

Mestrando: Prof. Ives Alejandro P. Munoz
Orientadora: Profa. Dra. Sanny Silva da Rosa

APRESENTAÇÃO:

A realização de atividades formativas com recursos colaborativos entre universidades e redes de ensino tem sido fator relevante de contribuição para a educação, renovando práticas profissionais, com possíveis repercussões na gestão escolar. Nesse sentido, a atividade ora proposta busca consolidar a parceria entre a Universidade Municipal de São Caetano do Sul, com seu Mestrado Profissional em Educação e a Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul. A dinâmica dos encontros integra uma das etapas da pesquisa e tem como perspectiva desencadear uma reflexão o tema da educação ética e o desenvolvimento das virtudes morais com base os Orientadores Educacionais.

ENCONTROS - das 9h às 11h:

- A. Apresentar o tema e a dinâmica de trabalho.
- B. Individualmente, reflexões segundo os Orientadores Educacionais (registro por escrito).
- C. Leitura e discussões em grupo (gravação das justificativas apresentadas).

Intervalo

- D. Subgrupos de trabalho e reflexões (registrar por escrito).
- E. Leitura coletiva dos registros dos subgrupos
- F. Encaminhamentos finais.

APÊNDICE 3 - Avaliações das Sessões Reflexivas

Jim. Provocou e ao mesmo tempo direcionou para algumas práticas.

Estes encontros me aproximaram dos colegas orientadores e me deixou mais confortável no sentido de saber que minhas aflições, também são as deles.

Me fez perceber que posso ir além do que faço hoje e ser mais útil e fazer a diferença para muitos alunos.

Jim, no aspecto de o que eu desenvolvo com os alunos, e o que eu realmente deveria realizar na minha atuação profissional. Reflete sobre as virtudes, a importância de cada uma delas na vida das pessoas. Promoveu conflitos e ~~desafios~~ ~~desafios~~ e mudanças nas ações.

Jim trouxe reflexões importantes para o que eu já vinha pensando. Jim conta com os conhecimentos novos que são importantes para a minha formação/atuação.

U.U. "Jornalismo de 'Inquietação'" e a "verdade" ^é ~~é~~ mais interessante. Abriam portas em minha mente que certamente não se fecharam -

Esta formação foi uma verdadeira quebra de paradigmas. Hoje sei que nada sei. Me destruíram pois aquilo que eu tinha como verdade hoje sei que não é correto. Foi um momento de "reaprendizagem". Além disso me trouxe várias ideias de atuação.

Sim, me causa uma inquietação. Uma vontade imensa de ouvir com atenção, agir de maneira justa, valorizar o bem, orientar de maneira acolhedora, desenvolver nos alunos boas ações / virtudes.
Meu maior objetivo é "ajudar" os alunos que tanto amo.

APÊNDICE 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**(Decreto no. 93.933 de 14.01.87, Resolução CNS no. 196/96)**

Prezado(a) _____ (nome e cargo)

Por meio deste Termo de Consentimento, solicitamos sua autorização para coleta de dados da pesquisa **“UMA PROPOSTA COLABORATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS VIRTUDES MORAIS NAS ESCOLAS: REFLEXÕES COM OS ORIENTADORES EDUCACIONAIS DE SÃO CAETANO DO SUL”**, em desenvolvimento no âmbito do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de São Caetano do Sul, sob orientação da Prof. Dra. Sanny Silva da Rosa.

Esta fase da pesquisa prevê a participação em sessões reflexivas para conversas e debates sobre o tema da pesquisa. Os dados coletados serão utilizados para fins exclusivamente acadêmicos, sendo preservados o sigilo sobre a identidade dos participantes. Garantimos o direito de acesso aos dados coletados a todos os participantes, bem como a quaisquer esclarecimentos relacionados à pesquisa.

Prof. Dra. Sanny S. da Rosa (RG: 17.128.786-1)

Mestrando- pesquisador: Ives Alejandro Penaloza Munoz (RG: 16.761.276-1)

Estou ciente e concordo com este Termo de Compromisso:

Nome do outorgante: _____

Cargo: _____ RG: _____

Assinatura: _____

São Caetano do Sul, ____/____/____

APÊNDICE 5 – Trechos de transcrições das Sessões Reflexivas

O.E.1: No meu ponto de vista é, a falta de respeito às opiniões dos outros, é a parte mais complicada hoje. Se colocar também no lugar do outro, empatia. Acho que também tem a responsabilidade. Acho que é isso.

O.E.2: Acho que é empatia, no sentido de se colocar no lugar dos outros e principalmente na resolução de conflitos. Eu vejo uma grande problema na comunicação. As pessoas brigam, não se ouvem. No diálogo. Acho que isso é um ponto forte que precisa ter.

O.E.3: Eu coloquei empatia também pensando no aspecto geral, na comunidade escolar como um todo. Então que podia ter uma lista mas se há empatia. Também cooperação, gentileza, solidariedade, cumplicidade, união, boa vontade, positivismo, perseverança, e outra que deveria ter colocado em primeiro lugar, amor, acolhimento, dedicação, persistência, amizade, sensatez, justiça, paciência, resiliência e respeito.

O.E.4: Bem eu acho que nós na nossa função de orientadora é superimportante a gente ter essa clareza do que é virtude, do que é moral, do que é ético. A clareza que eu tenho da virtude é que ela é um atributo positivo do ser humano. E eu como orientadora educacional penso que a gente precisa focar nos nossos alunos essa disposição de praticar o bem, que é a virtude.

O.E.5: Eu coloquei o respeito mútuo, porque os alunos normalmente quando acontece alguma coisa eles questionam que não foram respeitados, então eu acho que eles tem que ter essa noção. Respeito para ser respeitado. Direitos e deveres. O pertencimento, eu acho que é um grande problema para as escolas, os alunos não tem noção de pertencimento, que aquele espaço não é da prefeitura, mas um espaço nosso.

O.E.6: Bem, pra mim, eu acho que não tenho muita clareza sobre isso, então eu pensei o que seria uma coisa do aluno, positiva, só que, pensando um pouco isso na escola, eu penso muito que essas virtudes eles não tem porque eles não convivem com elas no ambiente escolar e nem na sociedade. Eu pensei assim. Pensei em empatia, porque os alunos às vezes tem uma tendência ao individualismo como um todo. Cooperação, temos muitos alunos de inclusão, físico e intelectual, eles veem e ajudam, mas entre si, eles não entendem a cooperação, o grupo, eles são pouco cooperativos.

O.E.7: Pegando o gancho. Porque toda essa lista (slide) é o ideal né. Porque eu vejo a escola como além de um espaço de formação, inclusive nossa, deve ser constante né. Então tem dia que a gente tá legal, tem dia que a gente não tá, tem dia que eles estão legais, tem dias que não, e os pais também. Então tudo isso (...) fui em busca do que no momento pra mim tá mais sensível, e veio a palavra tolerância. Porque quando falo de tolerância, vem automaticamente o desejo do diálogo. E dialogar tem que ter o que fala e o que ouve. E o ouvir tá cada vez mais difícil no mundo atual.

APÊNDICE 6 – Trechos das escritas dos OE da 1º Sessão Reflexiva.

Na minha escola verifico a necessidade de trabalhar a "empatia", capacidade de se colocar no lugar do outro, tanto na resolução de conflitos (alunos x alunos) / alunos x professores / funcionários x pais) quanto na execução de tarefas.

Observo a dificuldade nos conflitos também pela falta de comunicação / escuta.

Na escola em que trabalha a comunidade necessita de um atendimento diferenciado por serem carentes afetivamente. Os atendimentos são realizados sempre pensando na necessidade do indivíduo e na história de vida desse aluno ou família.

Valorizamos sempre a cooperação, a ajuda bem e suas virtudes e competências seja na área pedagógica, esportiva ou artística.

Respeita as próximas suas opiniões e pensamentos
Empatia, Mediação;

Onde trabalho, percebo falta de "comprometimento" com a educação integral. A escola se torna um depósito, onde somos extremamente cobrados pelas famílias e estas, por consequência, nos delegam cada vez mais a formação, até básica e informal, de seus filhos. Valorização
Comprometimento.

Creio que neste momento o que mais fica evidente na comunidade escolar é a falta de TOLERÂNCIA. Isso é percebido principalmente nos inúmeros momentos de conflitos entre adultos e nos próprias crianças. Dialogar está complicado, uma vez que, a "escuta" está bem difícil as vezes.

- falar esperar - o assunto do outro é sempre mais importante. (Adultos) Respeito
- Ouvir o outro se colocar no lugar do outro. (empatia) Ofícios X pedagógico
- Ouvir um lado da história + acreditar e defender. (diálogo)
- ~~Intolerância~~ ouvir o aluno até a razão do aluno

- Saber ouvir o outro, hoje em dia cada um que fala e acha que sempre está certo no que fala, sempre tem razão e não procura ouvir a razão do outro
- Respeitar as pessoas, independente de hierarquia
- saber pedir desculpas, muitas vezes a pessoa reconhece que errou, mas é difícil admitir o erro e se desculpar pelo que falou ou pelo que fez.

ética - valores morais

moral - princípios que regem a conduta

O que é ética?

- Conjunto de princípios estabelecidos pela sociedade que está diretamente ligado a moral

O que é moral?

Valores passados pela família para o indivíduo.

O que é ética?

- Conjunto de regras de conduta que diz respeito aos outros.

O que é moral? - Valores próprios.

A moral regula as ações do indivíduo perante as relações sociais.

É a ética é um conjunto de regras

Moral é aquilo que eu sou, minha formação de caráter.

Ética: O que a sociedade espera de mim.
O que acredito ser correto.

Moral: O que eu tenho internalizado dentro de mim. O que eu acredito ser correto.

"Nem sempre o que é ética é moral."

APÊNDICE 7 – Trechos das escritas dos OE da 2ª Sessão Reflexiva.

Valores - são os ^{ensinos} / ^{condutas} que trago comigo, o que foi passado pelos meus pais, avós, tios e que tento passar para quem vem após.

São os conceitos, crenças que nos são passados pelos nossos pais.

São comportamentos que acreditamos corretos

Para mim valores é algo que eu priorizo como verdade como a amizade, o respeito e a honestidade.

São princípios morais que orientam minha conduta no dia a dia e são passados por gerações

São os valores (normas e regras) praticados de acordo com ~~os~~ ^{os} preceitos de bem.

Valores positivos ^(bons), que consideramos nos outros.

Estas relacionadas aos valores - é o conjunto de qualidades.

Virtudes - entendo como "dons" ^{/ qualifs.} Cada pessoa tem um dom ou vários que outra não tem.

Pessoa virtuosa transfere valores.

APÊNDICE 8 – Trechos das escritas dos OE da 3ª Sessão Reflexiva.

É saber se colocar no lugar do outro
(capacidade)

Empatia é conseguir se colocar no
lugar do outro.

Empatia é a capacidade de se colocar no
lugar do outro. A fim de se perceber o
outro como sujeito em prol do coletivo.

①-

- Vínculo
- Consciência de que faz parte do grupo.
- Solidariedade
- Respeito
- cooperação

②

Atividade de Lamentação

Restimões de triste, feliz, bravo

O aluno colocará no painel como
ele estava no dia e falará o
porquê?

Pensamos em uma dinâmica para realizar com os alunos do Fundamental I.

Primeiramente temos que observar se tem número ímpar de alunos. Caso não tenha convidamos a professora para participar da dinâmica.

A ideia é a seguinte: colocamos uma música para tocar e os alunos terão, ao término da música, encontrar um par para dar as mãos. Inevitavelmente alguém ficará sozinho. A reflexão será sobre o sentimento que o aluno sentiu ao ficar só.

A música continua e quando parar novamente os alunos terão que escolher outro par. Novamente o aluno que ficou sozinho será indagado sobre o que sentiu.

1. Colaboração, integração do grupo

2. Jogos em grupo

- Contação de história

- Assembleia de classe

10 trabalho coletivo/cooperação

2) Aluno recebe diagnóstico de baixa visão.

São realizadas atividades diferenciadas (da Braille, música, etc) para desenvolver a percepção e a sensibilidade de conteúdos do curso na realização das tarefas.

Essas atividades foram realizadas com sucesso no mês.

* Aluno com problemas contínuos com um único par.

Este aluno foi convidado para ajudar o único no contra-turno. Entende, entende e gosta.

Deu muito a perceber que muitos alunos também se sentem da mesma forma que o sensibilizou sobre suas condições.

* Aluno com problemas pedagógicos/familiares (trabalha com tutores).

- Colocar uma descrição sobre o aluno. (sobre relações familiares, questões pedagógicas, emocionais, etc). Contar ter um aluno novo.

Deu para o professor e tutor perceberem a situação para quem descrever com este aluno para trabalhar a inclusão.

* Após reflexão. Esperar para o professor que este aluno já é da escola e já faz parte dele.

APÊNDICE 9 – Trechos das escritas dos OE da 4ª Sessão Reflexiva.

Depende do ponto de vista de cada um, nem tudo que é justo para mim nem sempre é justo para o outro.

Agir de maneira que não prejudique ao outro, cumprindo regras, combinados, leis...

Tratar as pessoas por igual
Compreender o ponto de vista de cada um.

A justiça é importante no ambiente escolar porque ~~gosto~~ orientarmos devemos ouvir as partes, ser imparcial, não tomar partido de nenhuma parte para depois agir de forma justa e correta na decisão a ser tomada na situação apresentada.

Tratar os alunos de forma igualitária, respeitando o ponto de vista ~~de cada~~ de cada um, oportuniza um momento de reflexão, onde o aluno pode avaliar suas ações e se colocar no lugar do outro. Saber diferenciar punição e mudança de atitude.

A justiça é importante no ambiente escolar porque se pondera as várias posições, se analisa os pontos positivos e negativos de cada parte e se decide por aquilo que parece ser o correto.

A decisão final é resultado de uma análise reflexiva, racional, sem a interferência de fatores externos, que podem favorecer mais a um lado ou a outro.

- 1º Começar com a turma sobre a atividade
- 2º Objetivo da atividade, estar na beirada dos colegas e ao mesmo tempo proteger a si.
- 3º Caso a sua seja estourada, você sai da atividade
- 4º alguns alunos, estarão com os pés amarrados, outros com um braço para trás, outros com venda nos olhos e ~~um no~~, sem nenhum impedimento
- 5º Os alunos, vão se movimentar pela sala, até que sobre uma beirada (aluno observador).
- 6º haverá um questionamento, porque no "ele" está sem nada para atrapalhar.

Rodas de conversa - conflitos frequentes e assuntos polêmicos, de acordo com a faixa etária.

Confecção de cartaz, refletindo sobre as atitudes, se retratando, assumindo a postura, pensar sobre as consequências, a partir do ocorrido em sala de aula.

(quando alunos colocaram cola na carteira e uma menina sentou, sufocou a calça e a mesma ficou constrangida)

Problema

Uso do alular para consulta da tabela periódica

- Dividir a sala em 2 grupos em que 1 grupo defenderá o aluno para ter a oportunidade de fazer uma nova prova e o outro grupo defende que a prova deve ser zerada.

- Após discussão, na qual cada grupo expõe seus argumentos, os alunos são comunicados que devem inventar de posição e levantar argumentos da nova posição.

Objetivo: Fazer com que os alunos compreendam que toda situação tem vários pontos de vista e que devemos analisar de forma neutra, buscando a equidade.

Sumário de dinheiro na sala de aula

A orientadora entra na sala após o recenseio dizendo que foi procurada com a informação de que uma quantia em dinheiro teria sido furtada e que tinha a informação de que foi alguém que senta no fundo da sala. Caso não aparecesse o culpado, a sala inteira levaria advertência. Ao final do período a orientadora volta à sala e diz que a situação não ocorreu e que todas as acusações foram infundadas e que eles devem ser responsáveis e justos ao acusar alguém.

APÊNDICE 10 – Trechos das escritas dos OE da 5ª Sessão Reflexiva.

Diálogo → forma de se comunicar, entender. Entender o que o outro pensa e a troca de ideias.
Expor sua opinião.

Diálogo é uma situação onde um fala, o outro escuta, depois este fala e o outro escuta, onde prevaleça o respeito às diferenças de ideias.

Capacidade de duas ou mais pessoas colocarem seus pontos ~~(de vista)~~ de vista sobre algo

Porque através do diálogo, ocorre o entendimento, a resolução de conflitos, o exercício da escuta e da argumentação.

O diálogo é importante no ambiente escolar, para resolver assuntos, definir determinadas ações e conflitos.

Quando você consegue ouvir o outro você consegue perceber o que está acontecendo e dessa forma você consegue falar com o outro, juntamente porque nos dias de hoje as pessoas só sabem reclamar e encontrar defeitos. Mas com essa hora de comarcas enfocamos as qualidades que existem entre as pessoas.

1. Pretende-se desenvolver a escuta ativa, saber ouvir para depois se colocar.

2- Atividade: Objeto de comunicação

- Escolher o objeto que seja significativo para o tema
- Coloca-se um tema para ser discutido.
- Apenas quem está com o objeto em mãos, tem a permissão de falar.

Com esta atividade treina-se a escuta e a espera pela sua vez de falar.

1. Apresentar uma notícia polêmica para abriremos um diálogo em sala.

2. Após apresentar a notícia os alunos formam duplas e tiveram um tempo para pensarem a respeito, após esse tempo cada dupla deu sua opinião a respeito da situação.

Objetivo: Buscar soluções para o problema do João Marcelo (cadernete). Elvinda ganhou o material - Cartaz de escalas

Dividi os alunos em dois grupos, para buscar soluções de colaboração

Após diálogos entre os grupos, resolveram que fariam uma escala e que alguns alunos ficariam com o João na sala com alguns jogos e brinquedos.

1- A importância da fala e da escrita a-
tivar

2- A profª propõe para a sala em que
metade da sala fará um cinema mudo.

A profª dá o roteiro.

A outra metade vai colocar fala
neste vídeo.

O vídeo pronto e a profª apresenta
o roteiro original mostrando como o diálogo
(falar e ouvir) são importantes para enten-
der o contexto.

ANEXO 1 – Regimento escolar

Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul
Secretaria de Educação



REGIMENTO ESCOLAR

Art. 16 - À Orientação Educacional, subordinada à Direção, cabe a responsabilidade de promover condições de ajustamento à vida escolar, propiciando situações para que o educando manifeste seus valores, reconheça suas limitações e escolha a forma de estudos mais adequada a sua necessidade.

Art. 17 - O Orientador Educacional tem as seguintes atribuições:

- I- participar da elaboração da Proposta Pedagógica, do Plano de Curso e do Plano Escolar;
- II- ouvir, dialogar e aconselhar o aluno a criar uma rotina de estudo, tendo como princípio a organização do tempo, espaço adequado e atenção na realização de lições de casa;
- III- analisar o histórico familiar, para refletir sobre as possíveis causas de defasagem, atitudes e comportamentos apresentados pelo aluno na escola;
- IV- solicitar, sempre que necessário, o encaminhamento de alunos para diagnóstico com especialistas multidisciplinares, bem como manter contato com estes profissionais para troca de informações e ideias visando o aprimoramento das futuras intervenções;
- V- informar ao Conselho Tutelar qualquer alteração que possa interferir no rendimento escolar do aluno, tais como faltas e atrasos em excesso e negligência familiar;

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
COGSP - DIRETORIA DE ENSINO
REGIÃO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

Regimento Escolar Aprovado: 10

S. B. Campo, *[assinatura]*

SEEDUC
Cópia Controlada
1/22

- VI- promover e coordenar o processo de sondagem de aptidões e interesses dos alunos;
- VII- organizar e manter atualizado o dossiê individual do aluno e perfil das salas, integrar-se com a equipe de educadores que atua na comunidade escolar;
- VIII- colaborar nas decisões referentes a agrupamentos de alunos;
- IX- participar das reuniões de Pais e Mestres e das reuniões de Conselho de Classe/Ano, bem como das reuniões de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC);
- X- assessorar o trabalho docente informando os professores quanto à peculiaridade de comportamento do aluno e acompanhar o processo de avaliação e recuperação;
- XI- pesquisar as causas do aproveitamento deficiente do aluno e sugerir medidas adequadas para superá-las;
- XII- estabelecer um plano de contato permanente com as famílias dos alunos;
- XIII- estabelecer formas de acompanhamento e controle escolar, trabalhando técnicas de aperfeiçoamento e de orientação de estudos;
- XIV- produzir relatórios de suas atividades e participar da elaboração do relatório anual da escola;
- XV- tratar com respeito e educação a comunidade escolar;
- XVI- elaborar e apresentar à Direção o seu plano de trabalho.